



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE BRASÍLIA

GLAUBER GONDIM BECKER

A CORRETA ADMINISTRAÇÃO DA SANTA CEIA:

Quem recebe, quem ministra e quais os elementos

**Brasília/DF
2018**

GLAUBER GONDIM BECKER

A CORRETA ADMINISTRAÇÃO DA SANTA CEIA:

Quem recebe, quem ministra e quais os elementos

Monografia apresentada ao Seminário
Presbiteriano de Brasília como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Rev. Prof. MSc. Matheus Inácio

**Brasília/DF
2018**

GLAUBER GONDIM BECKER

**A CORRETA ADMINISTRAÇÃO DA SANTA CEIA:
Quem recebe, quem ministra, quais os elementos**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Teologia no
Curso de Teologia do Seminário Presbiteriano de Brasília.

Data de Aprovação

___ / ___ / ___

Banca Examinadora:

Orientador

Rev. Prof. MSc. Matheus Inácio

Departamento de Teologia Pastoral

Seminário Presbiteriano de Brasília

Rev. Prof. MSc. João Geraldo de Mattos Neto

Departamento de Teologia Exegética

Seminário Presbiteriano de Brasília

Rev. Prof. Dr. Emílio Garófalo Neto

Departamento de Teologia Sistemática

Seminário Presbiteriano de Brasília

Dedico este trabalho a Primeira Igreja Presbiteriana de Taguatinga. Foi esta a igreja na qual nasci, fui ensinado e pude fazer minha pública profissão de fé. Além disso, foi onde descobri meu chamado. Por fim, foi essa a Igreja pela qual fui enviado ao seminário e que cuidou de mim por todo este tempo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. QUEM PODE PARTICIPAR DA SANTA CEIA DO SENHOR?.....	13
1.1 Breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui.....	13
1.2 Posições de diversas igrejas.....	16
1.2.1 Igreja Católica Apostólica Romana.....	16
1.2.2 Igreja Ortodoxa Oriental Russa.....	17
1.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.....	17
1.2.4 Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus.....	18
1.2.5 Igreja Batista.....	19
1.3 Análise exegética: o que a bíblia diz?.....	19
1.3.1 Lucas 22:19-23.....	20
1.3.2 1 Coríntios 11:17-34.....	21
1.4 Análise teológica: como a teologia reformada tem participado do debate.....	24
1.5 Uma objeção: a Pedocomunhão.....	27
2. QUEM PODE MINISTRAR A SANTA CEIA DO SENHOR?.....	30
2.1 Breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui.....	31
2.2 Posições de diversas Igrejas.....	32
2.2.1 Igreja Católica Apostólica Romana	32
2.2.2 Igreja Ortodoxa Oriental Russa.....	33
2.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.....	33
2.2.4 Igreja Universal do Reino de Deus.....	34
2.3 Análise exegética: o que a bíblia diz em 1 Coríntios 4:1.....	34
2.4 Análise teológica: como a teologia reformada tem participado do debate.....	36
2.5 Uma objeção: a questão dos evangelistas.....	36
3. QUAIS SÃO OS ELEMENTOS DA SANTA CEIA DO SENHOR?.....	39
3.1 Breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui.....	39
3.2 Posição de diversas igrejas.....	42
3.2.1 Igreja Católica Apostólica Romana.....	42
3.2.2 Igreja Ortodoxa Oriental Russa.....	42
3.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.....	43
3.2.4 Igreja Universal do Reino de Deus.....	43

3.2.5 Igreja Batista.....	44
3.3 Análise exegética: o que a bíblia diz.....	44
3.3.1 Deuteronômio 14:23-26.....	45
3.3.2 1 Coríntios 11:21-26.....	46
3.4 Análise teológica: como a teologia reformada tem participado do debate....	47
3.5 Uma objeção: irmão fraco na fé ou com problema de alcoolismo.....	51
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

RESUMO

Este trabalho consiste num breve estudo voltado para o entendimento da maneira correta de administrar o sacramento da Santa Ceia. Será estudado quem pode ministrar, quem pode participar e quais devem ser os elementos. Durante todo o estudo será explicado o motivo de estudar cada debate em torno dessas questões e o que significa, na prática, tendo em mente a premissa de que a correta administração dos sacramentos é marca de uma Igreja verdadeira. Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar biblicamente, dentro da Confissão de Fé de Westminster e historicamente a forma correta da administração da Santa Ceia. Os objetivos específicos são: ponderar acerca da visão de algumas denominações e movimentos acerca da ministração da Eucaristia; apresentar um breve histórico acerca da administração da Ceia do Senhor; e examinar a teologia reformada e o que esta apresenta acerca deste tema. O método de pesquisa que usado foi exegético e bibliográfico. Primeiro, com respeito a ser exegético, será assim pela importância que a bíblia tem na formação de toda a teologia. Percebe-se também que há debates correntes no que se refere à Santa Ceia do Senhor. Porém, a história, a observação das diferenças das denominações, a bíblia, a exegese e a teologia têm muito a contribuir para a elucidação do tema.

Palavras-chave: Sacramento; Santa Ceia; Pão; Vinho.

INTRODUÇÃO

A Santa Ceia é um tema que, desde o Novo Testamento, foi ganhando cada vez mais importância dentro da Igreja. No período medieval, alcança o ápice, quando a missa se torna o centro da fé cristã. A Reforma Protestante, por mais que tenha lutado contra o entendimento errado acerca da Ceia, não tirou dela sua importância¹. Já a igreja evangélica contemporânea, de acordo com Mason, negligencia a mesa do Senhor².

A partir desse panorama histórico, este trabalho consiste num breve estudo voltado para o entendimento da maneira correta de se administrar o sacramento da Santa Ceia. O estudo elenca pontos importantes como: quem pode ministrar, quem pode participar e quais devem ser os elementos. Para isso, em todo momento será explicado o motivo de estudar cada debate em torno dessas questões. Ainda, como isso deve ser realizado na prática, tendo em mente a premissa de que a correta administração dos sacramentos é marca de uma Igreja verdadeira.

Problematização

Apesar de muitas interpretações diferentes a seu respeito, a Santa Ceia sempre foi muito importante ao culto cristão. Mason, porém, aponta que a igreja do século XXI parece ter deixado de dar o devido valor aos sacramentos. O autor pontua que, apesar da negligência ser fruto de um desejo saudável de evitar erros romanistas, a Igreja Evangélica tem visto com suspeita qualquer linguagem que indique a presença de Cristo na Ceia. Ele diz:

Existem provavelmente muitas outras razões para a negligência contemporânea aos sacramentos, uma das quais é o desejo saudável de evitar os erros das teologias de sacramento dos Romanos e Anglo-Católicos. Em um esforço de evitar uma visão não bíblica '*ex opere operato*' dos sacramentos, evangélicos tem minimizado sua importância, e veem com suspeita qualquer linguagem que sugere algum tipo de presença de Cristo na Ceia. Porém, talvez outra das principais razões para essa negligência seria uma falta de entendimento da natureza e papel dos sacramentos na vida da igreja: é duvidoso que nós valorizemos os meios de graça se nós não os entendemos. Esse, novamente, é um contraste aos reformadores³ (tradução minha).

Seguindo essa linha, Horton ainda mostra que os reformadores, apesar de lutarem contra a visão errada dos sacramentos dos romanistas, entendiam seu valor.

Assim, mesmo com o intuito de limpar as superstições da Igreja Católica Romana da época, eles não desprezavam os sacramentos.

¹ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. Tomo 2, p.768.

² MASON, Mathew W. **A Spiritual Banquet: John Calvin on the Lord's Supper**, 2005, p.329.

³ Idem.

Enquanto a Reforma Protestante limpou a superstição em torno dos sacramentos, ela também reconheceu o lugar dado pela Escritura ao Batismo e à Santa Ceia do Senhor, a qual, junto com a Palavra, entregam o Evangelho aos pecadores⁴ (tradução minha).

De acordo com Calvino, os sacramentos servem para confirmar e incrementar a fé pelo poder do Espírito Santo. O autor ainda compara a sua função com a da Palavra:

Portanto, que seja dada como certo que os ofícios dos sacramentos não são outros senão os da Palavra de Deus, que são: trazer-nos e apresentar-nos a Cristo, e, nele, os tesouros da graça celestial. Eles, porém, não nos dão nada nem nos servem de nada senão os recebemos com fé⁵.

Sobre esta percepção a respeito da Ceia, Berkhof pontua que Calvino entendia uma presença real de Cristo no sacramento, mesmo que não sendo uma presença física. O autor do século XIX ainda aponta a importância do Espírito Santo nessa comunicação. Ele afirma que:

Sua apresentação do assunto não é inteiramente clara, mas ele parece querer dizer que o corpo e o sangue de Cristo, embora ausentes e localmente presentes só no céu, comunicam uma influência vivificante ao crente, quando ele está no ato de receber os elementos. Essa influência, apesar de real, não é física, mas, sim, espiritual e mística, é mediada pelo Espírito Santo e está condicionada ao ato de fé pelo qual o comungante recebe simbolicamente o corpo e o sangue de Cristo⁶.

A Confissão de Fé de Westminster afirma que a Ceia nutre os crentes espiritualmente⁷. Nesse sentido, Penner e Wall lembram que a Santa Ceia do Senhor não pode ser entendida como algo ordinário, rotineiro, como “almoçar juntos”. Este sacramento precisa ser levado a sério⁸. Ainda, Brian Nicholson aponta o perigo de ser subvertida a Santa Ceia do Senhor⁹. Esse perigo precisa ser enfrentado com muito estudo acerca desse assunto.

Diante de tudo isso, Calvino acrescenta um elemento quando aponta que a pura observância dos sacramentos, da forma com que Cristo os indicou, é marca da Igreja verdadeira. Ele não só reafirma a importância deste sacramento como lembra que a forma como ele é administrado é importante¹⁰.

Winter coloca um ponto a ser debatido sobre a ministração da Ceia quando questiona se a Igreja deve ficar sem a administração dos sacramentos quando não há nenhum pastor entre eles. O autor continua o debate quando aponta que é consenso que o pastor é a pessoa própria para administrar a Ceia, mas que, diante da falta de um pastor, outros pontos de vista

⁴ HORTON, Michael. **A Better Way: Rediscovering the Drama of God-Centered Worship**. 2002, p. 93.

⁵ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. 2009. Tomo 2, p.706.

⁶ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 652.

⁷ **Confissão de Fé de Westminster**. Cap. XXIX. Seção 1.

⁸ PENNER, Erwin; WALL, John. **The Lord's Supper and the Church**. Direction Journal. Direction. v. 18. n. 2. 1989.

⁹ NICHOLSON, Brian. **Calvin's Doctrine of the Spiritual Presence of Christ in the Lord's Supper**. 1991.

¹⁰ CALVINO, João, op. cit., p.709.

surgem¹¹. A Confissão de Westminster declara que o ministro do Evangelho legalmente ordenado é o único que pode ministrar a Ceia¹².

Penner e Wall levantam, ainda, outra questão acerca da administração da Ceia. Eles questionam se pode ser aceita a prática, de algumas igrejas, de não batizados e não membros tomarem parte do sacramento¹³. A Confissão de Fé de Westminster afirma que apenas crentes comungantes podem participar da Santa Ceia¹⁴. Ainda assim, Penner e Wall, mesmo entendendo a dificuldade deste debate, alegam que a Bíblia não declara uma sequência: Batismo e Santa Ceia. Os autores entendem que, diante disso, não batizados participarem da Ceia não viola as Escrituras¹⁵.

Hageman destaca outro ponto importante sobre a administração da Ceia. Ele aponta uma incerteza da comunidade reformada acerca dos elementos da Eucaristia e da apresentação de tais elementos. Ele afirma que:

Nossa celebração da ceia do Senhor na tradição reformada é, às vezes, vista com incerteza. Existe algo sagrado no que se refere ao vinho, ou o suco de uva é uma opção aceitável? Existe regra sobre o pão precisar ser ou não levedado, comprador em loja ou assado em casa, branco ou integral? Um cálice único tem mais significado do que uma linha cheia de pequenos cálices? Quem deveria trazer os elementos para a mesa – ou quando? Faz alguma diferença o que fazemos com o que sobra dos elementos? ¹⁶ (tradução minha)

A afirmação de Hageman é importante, pois mostra o quanto o debate é amplo. Sendo assim, este trabalho se aterá apenas a parte dele, a saber, o que se trata da questão do suco de uva ou vinho. Ainda que seja apenas parte do debate, a discussão com relação ao segundo elemento é de suma importância para os cristãos brasileiros, visto que tem sido, talvez, a parte mais discutida e que mais tem preocupado estes cristãos.

Diante de tudo isso, percebe-se a importância de se estudar o tema da Santa Ceia. Não apenas sobre sua necessidade para o povo de Deus e seu significado, mas com relação a sua administração no culto sob pena de deixar de ser Igreja verdadeira. Os três pontos aqui ressaltados: quem pode ministrar; quem pode participar; e quais são os elementos; surgem como os principais temas acerca desta administração. E, envoltos em muita dúvida, se faz necessária a busca destas respostas. Assim, questiona-se: como deve ser a correta administração da Santa Ceia?

¹¹ WINTER, E. P. **Who may administer The Lord's Supper?**. Baptist Quartely 16.3. July, 1955, p.128.

¹² **Confissão de Fé de Westminster**. Cap. XXVII. Seção 4. p.18.

¹³ PENNER, Erwin; WALL, John. **The Lord's Supper and the Church**. Fall. v. 18, n. 2, 1989, p.33-43.

¹⁴ **Confissão de Fé de Westminster**. Cap. XXIX. Seção 3, 2005, p.19.

¹⁵ PENNER, op. cit., p.33-43.

¹⁶ HAGEMAN, Howard G. **Chalice and Loaf or Cups and Cubes**. Reformed Worship 13, Perspectives, September 1989, s/p.

Objetivo Geral

Essa pesquisa tem como objetivo analisar biblicamente, confessionalmente, dentro da Confissão de Fé de Westminster e historicamente a forma correta da administração da Santa Ceia.

Objetivos Específicos

1. Identificar a visão de algumas denominações e movimentos acerca da ministração da Eucaristia;
2. Apresentar um breve estudo histórico acerca da administração da Ceia do Senhor;
3. Analisar biblicamente, com base na Confissão de Fé de Westminster - CFW, a forma correta da administração da Santa Ceia.

Justificativa

A Confissão de Fé de Westminster dedica o capítulo XXIX à explicação de temas acerca da Santa Ceia. Neste capítulo, ela já afirma quem pode participar da mesa do Senhor e quais são os elementos. Além disso, no capítulo XXVII, ela declara quem pode ministrar o sacramento aqui referido. Apesar dessas afirmações, o tema tem sido objeto de debate dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB. O motivo do debate é, em alguns momentos, por diferentes interpretações de palavras na CFW, como no caso do termo “vinho” que alguns entendem que não é necessário que seja alcoólico. Em outros momentos, o debate é pautado por dificuldades práticas, como no caso da exigência de ordenação para ministração do sacramento.

Diante disso, esse trabalho busca, na CFW e nos textos bíblicos que motivaram sua redação, respostas, apresentando uma breve pesquisa que pode incentivar debates dentro da IPB, seja no seminário ou nos seus concílios. Entende-se que a fomentação de debates saudáveis é sempre vantajosa para o crescimento e aprimoramento tanto das teses teóricas quanto das práticas.

Metodologia

Esse trabalho é estruturado a partir de análises exegéticas e bibliográficas. Assim, além do estudo bíblico, a bibliografia está dividida em duas fases. Na primeira, uma breve

busca na história da Igreja de modo a descobrir como a Santa Ceia foi administrada ao longo dos dois milênios de história da Igreja de Cristo. Esta fase tem como objetivo analisar uma bibliografia sobre livros de história da Igreja procurando entender quando a administração da Ceia tomou a configuração que tem hoje, e por quais motivos.

A segunda fase da pesquisa bibliográfica é teológico/sistemática. A bibliografia consultada deu ênfase aos símbolos de fé da Igreja Presbiteriana do Brasil, necessitando entender o que a Confissão de Fé de Westminster expressa acerca do assunto e o motivo de ela se posicionar sobre o tema.

Por fim, para cada ponto analisado, foram estudados os principais argumentos contra a posição adotada pelo autor. Com isso, o objetivo é refutar tais argumentos e preparar a Igreja para adoção de uma prática mais saudável.

Para a análise exegética, apesar de os textos sobre Ceia não se posicionarem explicitamente sobre quem deve ministrar, uma análise foi feita nos textos que tratam de ministração de sacramentos. Ainda, um estudo exegético de textos que versam sobre o Batismo, além dos textos de Ceia, poderá indicar a necessidade ou não do Batismo para a participação da Eucaristia. Ao se pensar historicamente, pode-se entender como foi a prática no decorrer dos anos.

Para a análise histórica, é importante descobrir se durante a história da Igreja apenas ministros ordenados puderam exercer tal função, ou se qualquer membro da Igreja administrava a Santa Ceia do Senhor. Também é importante analisar como a Igreja lidou com as dificuldades práticas desta doutrina, pois, com isso, podem-se aprender possíveis soluções para este problema que é percebido nos dias hodiernos.

Sobre a avaliação teológica, vários autores reformados tratam do assunto. Seus argumentos são interessantes para montar um trabalho acerca destas questões. Um estudo teológico precisa apontar quem pode participar da Ceia, se apenas batizados e professos, se qualquer crente, ou se todos são bem-vindos na mesa do Senhor.

O estudo está dividido em três capítulos, os quais se subdividem em cinco seções cada. O primeiro capítulo tem como título *Quem pode participar da Santa Ceia do Senhor?*. Ele tratará especificamente da parte do debate que versa sobre a participação na Ceia apenas de cristãos batizados e professos ou de cristãos batizados na infância, mas não professos ou se não cristãos estão bem-vindos também. A Igreja Presbiteriana do Brasil - IPB - oficialmente entende que apenas os crentes, batizados e professos, ou seja, os que estão em plena

comunhão, podem participar deste momento do culto¹⁷. Além disso, essa denominação aceita a participação de membros, nessa mesma condição, de outras igrejas consideradas, por ela, evangélicas¹⁸. Contudo, questionamento sobre essas questões ainda estão presentes nos debates.

Este primeiro capítulo está dividido nas seguintes seções: breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui?; posições de diversas igrejas; exegeticamente: o que a Bíblia diz?; análise teológica: como a Teologia Reformada tem participado do debate; uma objeção: a pedocomunhão.

O segundo capítulo foi intitulado *Quem pode ministrar a Santa Ceia do Senhor?* Este é um tema que necessita de grande pesquisa. Isso porque o que é aceito e a prática nas congregações presbiterianas consistem em apenas o ministro ordenado poder administrar a mesa do Senhor. Porém, o debate se apresenta pautado nas dificuldades de se manter tal prática, haja vista a realidade de algumas regiões em que não há ministros devidamente ordenados.

Este capítulo dois possui, também, cinco seções que seguem o mesmo padrão do capítulo anterior. Elas são: breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui?; posições de diversas igrejas; exegeticamente: o que a Bíblia diz?; análise teológica: como a Teologia Reformada tem participado do debate; uma objeção: a questão dos evangelistas.

O terceiro capítulo tem por objetivo avaliar quais são, de fato, os elementos que devem ser usados na Ceia. Por isso, o capítulo recebeu como título *Quais são os elementos da Santa Ceia do Senhor?* A proposta é um estudo que busque entender o que a Bíblia, os documentos da Igreja Presbiteriana do Brasil e a prática, tanto historicamente quanto dentro das igrejas, defendem sobre o tema. Assim, o capítulo discute a possibilidade ou não de algum elemento ser substituído. Vale frisar, porém, que a proposta do trabalho se limita à parte do debate que versa sobre o segundo elemento poder ser suco de uva ou exclusivamente vinho.

Seguindo a mesma proposta dos capítulos anteriores, o terceiro capítulo se divide em cinco seções: breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui?; posições de diversas igrejas; exegeticamente: o que a Bíblia diz?; análise teológica: como a Teologia Reformada tem participado do debate; um importante questionamento.

¹⁷ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Princípio de liturgia**. Artigo 16. IN: Manual Presbiteriano: com notas remissivas, 2013, p. 128.

¹⁸ Idem.

1. QUEM PODE PARTICIPAR DA SANTA CEIA DO SENHOR

O capítulo aborda a questão de quem pode participar da Ceia do Senhor. O debate se estende desde a necessidade de se crer para participar desse sacramento até quais são as exigências de um cristão para que ele tenha esse direito. Ainda, existe a questão da disciplina eclesiástica e a possibilidade de um cristão ser excluído da comunhão. O Princípio de Liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil afirma que apenas crentes, batizados e professos podem participar da Ceia¹⁹. É também aceito e praticado na Igreja Presbiteriana do Brasil aceitar o batismo de igrejas que ela considera evangélicas²⁰. Este capítulo foca em mostrar esta posição e apresentar seus motivos bíblicos.

Para isso foi realizada uma análise histórica e uma comparação entre a posição de diferentes denominações, sempre com uma tentativa de buscar apoio bíblico. Tal metodologia tem o objetivo de encontrar uma possível resposta de quem pode participar da Ceia, com o intuito de apresentar um posicionamento ante a cada uma dessas questões supracitadas.

1.1 Breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui

Estudar a história acerca da administração da Santa Ceia demonstra o tamanho do debate. O entendimento das doutrinas presentes na Escritura e a prática da Igreja foram sendo desenvolvidos ao longo da história. Justo González discorre sobre a importância da história na Bíblia e a atenção que Deus dá a ela na sua Escritura. Ele diz que: "Esta importância da história para compreender o sentido de nossa fé não se limita à vida de Jesus, mas engloba toda a mensagem bíblica"²¹. Percebe-se, com isso, que estudar esses elementos ajuda a entender o que se faz hoje e o porquê.

Para tentar entender a relação entre conversão, Batismo e Ceia, é necessário observar a história, desde a Igreja apostólica, ainda no tempo relatado no livro de Atos dos Apóstolos. Este livro relata em seu capítulo 2, verso 41, a conversão de quase três mil pessoas após o discurso de Pedro. Recém-convertidos, eles são batizados, e sem preparo algum, provavelmente pouco tempo depois, já estão participando da comunhão relatada no versículo

¹⁹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Princípio de liturgia**. Artigo 16 IN: Manual Presbiteriano: com notas remissivas, 2013, p. 128.

²⁰ Idem.

²¹ GONZÁLEZ, Justo. **Uma história ilustrada do Cristianismo**. v. 1, 2012, p.12.

42, que, segundo Bavinck e Berkhof, incluía a Santa Ceia²². González escreve que isto se dava porque a maioria dos convertidos vinha do judaísmo e já possuía algum preparo para ser batizado²³. Bavinck, porém, aponta que esta prática logo mudou, no século seguinte, quando as conversões se tornaram mais numerosas e menos confiáveis. Em decorrência disso, foi instituído o catecumenato. Este era inicialmente para preparar para o Batismo, mas com a prática do Batismo infantil cada vez mais comum, o catecumenato foi se tornando um preparatório para a participação da Ceia.²⁴ González explica este modelo com mais detalhes, apontando que este curso durava, no princípio do século terceiro, em média três anos.²⁵

Diante disso, como aponta González, o culto foi dividido em duas partes a partir do século segundo. Na primeira parte todos podiam participar, cantavam hinos e oravam, além de lerem trechos das Escrituras. A segunda parte, no entanto, na qual acontecia a Eucaristia, era apenas para os crentes batizados.²⁶ Um documento, ainda do século segundo, chamado *Didaquê* deixa claro essa posição da Igreja: "Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor, pois sobre isso o Senhor disse: 'Não deem as coisas santas aos cães'".²⁷

No século terceiro, com a perseguição Romana, surge um novo problema. Alguns que negavam a Cristo e deixavam a Igreja na época de perseguição, quando esta cessava, queriam voltar e a Igreja precisava decidir se voltariam ou não a comunhão. González aponta a dificuldade desta questão e mostra que cristãos batizados e professos passaram a ser excluídos da Santa Ceia, mesmo que estivessem arrependidos.²⁸ A partir deste momento, diante dos cismas que viriam, a Igreja passou a excluir da comunhão aqueles chamados hereges. No século quarto, já com a suposta conversão do imperador Constantino, essa prática é expressa de maneira explícita quando o bispo de Constantinopla retira Ário²⁹, um homem declarado como herege, da comunhão. González, ao relatar esta história, destaca as atitudes do imperador quanto à plena comunhão. Segundo o historiador e teólogo cubano, o imperador passou a decidir quem poderia participar da Ceia. Com isso, ordena que o herege Ário fosse

²² BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa. 2012, p.587; BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2007, p. 645.

²³ GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do Cristianismo**, p. 154.

²⁴ BAVINCK, Herman, op. cit., p.591.

²⁵ GONZÁLEZ, op. cit., p.154.

²⁶ Ibidem, p.152.

²⁷ DIDAQUÊ: A Instrução dos Doze Apóstolos. Cap. IX, v. 5, p.3.

²⁸ GONZÁLEZ, op. cit., p.143.

²⁹ Ibidem, p. 92.

novamente aceito na Mesa do Senhor³⁰. Contudo, tal maneira de agir indignou alguns³¹ que defendiam com convicção que pecadores não arrependidos não podiam participar da Ceia do Senhor³². Percebe-se, então, que a Assembleia de Nicéia, convocada para resolver o conflito, definiu uma série de regras para readmitir aqueles que haviam caído³³. A partir daí, entende-se que quem não cumprisse as regras, não seria admitido na comunhão.

No Grande Cisma do Oriente, quando há a ruptura definitiva da igreja em 1054³⁴, a Igreja Oriental passa a aceitar a comunhão de crianças, logo após o batismo, sem necessidade de professar sua fé na idade da razão.³⁵ Bavinck afirma que, até seus dias, esta era a prática da Igreja Ortodoxa³⁶, se separando completamente da prática de todas as igrejas do ocidente. Durante toda a Idade Média, a Igreja de Roma mantém então a determinação de não aceitar comunhão de crianças nem de pecadores excomungados. Bavinck afirma que "essa preparação [para poder receber a Ceia] gradualmente encontrou exaustiva expressão no sacramento da confirmação".³⁷

Durante a Reforma Protestante o Sacramento da Eucaristia foi muito debatido, mas quanto a quem poderia participar da Ceia houve certo consenso. Lutero, em seu Catecismo Menor, afirma que apesar de jejum ser importante, estar de fato digno de participar da Eucaristia tem a ver com crer de fato nas palavras de Jesus sobre ela, entender, assim, que Cristo tem poder para perdoar pecados³⁸. Calvino enfatizou bastante que a Igreja Romana da época proibia que alguns participassem da Ceia dizendo que não eram dignos, mas que essa condição se dá a partir do crer em Cristo e não por obras. Desta forma, para ele, apesar da necessidade de fé e de conhecimento sobre Cristo para tomar assento à Mesa do Senhor, não se deve impedir que cristãos participem da Ceia por qualquer motivo.³⁹ Os catecismos protestantes que vieram depois seguem bastante essa linha.⁴⁰

³⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do Cristianismo**. Volume 2. 2012, p.98.

³¹ Como é o caso de Ambrósio de Milão que enfrentava até o imperador Teodósio quando este não se apresentava digno para participar do privilégio da Ceia. GONZÁLEZ, Justo. **Uma história ilustrada do Cristianismo**. v. 1. 2012, p.145.

³² GONZÁLEZ, op. cit., p.145.

³³ Ibidem, p.94.

³⁴ Ibidem, p.140.

³⁵ VENEMA, Cornelis P. **Children at the Lord's table?: assessing the case for paedocommunion**, Michigan: Reformation Heritage Books, 2009, p.5.

³⁶ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa. v. 4, 2012, p.588.

³⁷ Ibidem, p.589.

³⁸ LUTERO, Martinho. **Catecismo Menor**. Sexta parte. Seção três.

³⁹ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. Tomo 2, pp.773-775.

⁴⁰ Catecismo de Heidelberg na pergunta 81 quando afirma que deve ir à Mesa do Senhor aqueles que, mesmo tristes por causa de seus pecados, confiam no perdão de Deus. Assim como os que desejam fortalecer sua fé e

1.2 Posições de diversas igrejas

A título de pesquisa, apresenta-se a seguir uma lista dos posicionamentos de algumas igrejas e o que pensam sobre o assunto. O intuito dela é para entender melhor como a questão de quem pode assentar na Mesa do Senhor é vista entre diversas comunidades cristãs, ou que se dizem cristãs. A seguir, serão apresentadas as diferentes posições de diversas igrejas.

1.2.1 Posição Romanista

A Igreja Católica Apostólica Romana, que tem por teologia da Ceia a transubstanciação, doutrina que afirma que os elementos da Ceia se transformam no corpo de Cristo, e que pratica a missa, o sacrifício de Cristo no altar da igreja, considera a participação na Ceia algo muito importante. Por isso, ela mantém a ideia de que apenas crentes participem da Santa Ceia. O seu catecismo afirma:

Porque este pão e este vinho foram, segundo a antiga expressão, ‘eucaristizados’, chamamos este alimento de Eucaristia, e a ninguém é permitido participar na Eucaristia senão àquele que admitindo como verdadeiros os nossos ensinamentos e tendo sido purificado pelo Batismo para a remissão dos pecados e para o novo nascimento, levar uma vida como Cristo ensinou.⁴¹

Além disso, vetam a participação de quem permanece em pecado, por exemplo:

São numerosos hoje, em muitos países, os católicos que recorrem ao divórcio segundo as leis civis e que contraem civicamente uma nova união. A Igreja, por fidelidade à palavra de Jesus Cristo (‘Todo aquele que repudiar sua mulher e desposar outra comete adultério contra a primeira; e se essa repudiar seu marido e desposar outro comete adultério’: Marcos 10,11-12), afirma que não pode reconhecer como válida uma nova união, se o primeiro casamento foi válido. Se os divorciados tornam a casar-se no civil, ficam numa situação que contraria objetivamente a lei de Deus. Portanto, não podem ter acesso à comunhão eucarística enquanto perdurar esta situação. Pela mesma razão não podem exercer certas responsabilidades eclesiais. A reconciliação pelo Sacramento da Penitência só pode ser concedida aos que se mostram arrependidos por haver violado o sinal da aliança e da fidelidade a Cristo e se comprometem a viver numa continência completa.⁴²

Não aceitam, também, a participação de crianças, visto não ser o batismo suficiente para participação na Eucaristia, dependendo também da confirmação:

Juntamente com o Batismo e a Eucaristia, o Sacramento da Confirmação constitui o conjunto dos ‘Sacramentos da Iniciação Cristã cuja unidade deve ser salvaguardada’. Por isso, é preciso explicar aos fiéis que a recepção deste sacramento é necessária à consumação da graça batismal. Com efeito, ‘pelo Sacramento da Confirmação [os fiéis] são vinculados mais perfeitamente à Igreja, enriquecidos de força especial do Espírito Santo, e assim mais estritamente

corrigir suas vidas. E o Catecismo Maior de Westminster na pergunta 172 que afirma sobre a participação na Ceia como forma de fortalecer a fé.

⁴¹ **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. Seção 2. Cap. 1. Artigo 3. 2002, p.374, seq.1355.

⁴² *Ibidem*, Cap. 3. Artigo 7. 2002, p.451, seq.1650.

obrigados à fé que, como verdadeiras testemunhas de Cristo, devem difundir e defender tanto por palavras como por obras'.⁴³

A Igreja Romana entende, então, que apenas membros batizados, na idade da razão, após terem sido ensinados e participarem da Confirmação, que não estiverem em pecado, podem participar da Eucaristia.

1.2.2 Posição da Ortodoxia Oriental Russa

A Igreja Ortodoxa Oriental Russa aceita apenas crentes batizados como participantes da Ceia⁴⁴. Com “crentes batizados” eles entendem aqueles que receberam este sacramento dentro da Ortodoxia Oriental.⁴⁵ Apesar disto, na chamada Liturgia dos Catecúmenos aqueles que se preparam para o batismo também podem participar da Mesa do Senhor.⁴⁶ Desta forma, as crianças batizadas já participam da Eucaristia.

Além disso, aqueles que tenham cometido pecado grave e não foram purificados pela penitência não podem participar da Santa Ceia, podendo ser excluídos por sua própria consciência ou pela autoridade eclesiástica.⁴⁷

1.2.3 Posição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil

Primeiramente na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil apenas membros podem participar da Ceia. Lutero em seu Catecismo Maior aponta:

O jejum e a preparação corporal são certamente bons treinamentos externos. Porém, essa pessoa é verdadeiramente digna e bem preparada se tem fé nestas palavras: "Dado e derramado por você para o perdão dos pecados." Mas quem não acredita nessas palavras ou as duvida é indigno e despreparado, pois as palavras “Para você” requerem que todos os corações acreditem.⁴⁸ (tradução minha).

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil é uma denominação que se preocupa muito com disciplina eclesiástica, dando muita importância para tudo que se relacione a isso. Por isso, utilizam-se de textos como Mateus 5, em que Jesus afirma que é necessário que um irmão se reconcilie com o outro antes de ir ao altar para justificar que aqueles que estão em pecado, principalmente no sentido de divisão ou discórdia, são também excluídos da Ceia do Senhor.⁴⁹

⁴³ **Catecismo da Igreja Católica.** Cap 1. Artigo 2. 2002, p.355, seq.1285.

⁴⁴ **The Longer Catechism of The Orthodox, Catholic, Eastern Church.** Artigo 337.

⁴⁵ PHILLIPS, Andrew. **What is the Orthodox Church's view of Roman Catholic 'sacraments'?:** Orthodox Sacraments: Heterodox Sacramental Forms. 2009.

⁴⁶ **The Longer Catechism of The Orthodox, Catholic, Eastern Church.** Artigo 333.

⁴⁷ Ibidem, Artigos 341, 392 e 393.

⁴⁸ LUTHER, Martin. **The Small Catechism.** Missouri: Concordia Publishing House, 1986. VI parte, pergunta 5.

⁴⁹ MENZIGER, Michael. **Crianças na Ceia do Senhor.** 2008, p.8.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, por mais que tenha historicamente esperado a “Confirmação”⁵⁰ para a participação na Ceia do Senhor, tem mudado sua visão nas últimas décadas. Em 1992 o boletim informativo do Conselho da Igreja declara: “as Comunidades e Paróquias não deixem de ocupar-se do assunto e de procurar dar passos no sentido de também crianças participarem da Celebração da Comunhão”.⁵¹ Apesar de muita resistência, a “Confirmação” não tem mais sido pré-requisito para a participação na Ceia. Michael Menziger conclui, no mesmo artigo supracitado, que “a exclusão do Sacramento do Altar se dá devido à falta de fé ou de amor para com o irmão, devido à falta de respeito para com Deus e para com as pessoas, mas não devido à falta de conhecimentos teóricos sobre a Santa Ceia.”.⁵²

Ainda assim, a admissão à Mesa do Senhor não é para toda e qualquer criança. Precisam ser batizadas e preparadas, o que requer certa idade. Também exige dos pais um preparo para com essas crianças.⁵³ Outras denominações luteranas pelo mundo também apoiam essa visão.⁵⁴

1.2.4 Posição da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Mundial do Poder de Deus

O movimento neopentecostal, por ser um movimento, não exige uma unidade e é difícil falar em nome de toda e qualquer Igreja Neopentecostal. Entretanto, duas das maiores Igrejas, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, concordam em colocar na pessoa, e não na Igreja, a responsabilidade de decidir se pode ou não participar da Ceia.⁵⁵ O bispo Roberto Santana, da Igreja Mundial coloca: “Eu não vou falar para você se você deve ou não participar: é você e Deus (sic). Analise sua vida espiritual antes de participar da Santa Ceia”.⁵⁶ Edir Macedo aponta: “quem não estiver apto a participar, deve

⁵⁰ Termo utilizado para designar a confissão de fé. Cf. no texto CIL - Comissão Interluterana de Literatura do **Boletim Informativo número 130**, do Conselho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, de 12 de novembro de 1992, p.4.

⁵¹ CIL - Comissão Interluterana de Literatura. **Boletim Informativo número 130**, do Conselho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, de 12 de novembro de 1992, p.1.

⁵² MENZIGER, Michael. op.cit, p.8.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Igreja Luterana da Dinamarca, Igreja Luterana da Noruega e da Finlândia, Igreja Evangélica Luterana da Alemanha, por exemplo.

⁵⁵ RAMOS, Dorca. **Santa Ceia**. 2016; RANGEL, Marcelo. **A Santa Ceia no Templo de Salomão**, 2015; MARQUES, Sabrina. **A Santa Ceia do Senhor: com o coração limpo conquiste a salvação**. 2013.

⁵⁶ RAMOS, Dorca. **Santa Ceia**. 2016, s/p.

privar-se dos elementos, para que não traga maldição para a própria vida, em vez de bênçãos".⁵⁷

Edir Macedo ainda explica o que significa não estar apto. Ele coloca:

Existem muitas pessoas que realmente estão interessadas na Salvação de suas almas, mas também há aquelas que querem ser salvas, e não aceitam pagar o preço. Não querem negar suas vontades e nem tomar a própria cruz; não querem seguir Jesus. Em outras palavras, há muitas pessoas que querem a Salvação, mas não querem abrir mão das próprias vontades aqui neste mundo.⁵⁸

A teologia adotada por essas igrejas de que a manutenção da Salvação⁵⁹ é necessária é o que forma a base para pensamentos como o defendido por elas. Isso se dá, segundo eles, porque apenas a pessoa pode saber se ainda é salva e só se ela ainda for salva pode participar da Santa Ceia, sobre risco de receber maldição de Deus.

1.2.5 Posição Batista

Os batistas, por serem memorialistas, acreditam que a Ceia é apenas um memorial da obra de Cristo.⁶⁰ A Convenção Batista Brasileira, a Convenção Batista Nacional e a Comunhão Reformada Batista no Brasil concordam que apenas crentes podem participar da Santa Ceia⁶¹. Afirmam que a celebração da Ceia pressupõe batismo e exame íntimo, precisam ser membros de uma "igreja notavelmente evangélica"⁶² para participar.

1.3 Análise exegética: o que a bíblia diz

O ponto de partida para qualquer estudo teológico é a própria Bíblia. A Confissão de Fé de Westminster coloca:

O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares. O Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.⁶³

Desta forma, as respostas encontradas neste capítulo são fruto de um estudo exegético de dois textos que podem trazer luz à questão de quem pode participar da Santa Ceia. O

⁵⁷ MARQUES, Sabrina. **A Santa Ceia do Senhor**: com o coração limpo conquiste a salvação, 2013, s/p.

⁵⁸ MACEDO, Edir. **Qual o segredo para manter a salvação**. 2016, s/p.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ **Manual Básico Batista Nacional**. Parte II. Seção 7. Parágrafo Segundo. 2002; **Declaração Doutrinária da Convenção Batista Do Brasil**. Cap. 9. Seção 5. 2002; **Confissão de Fé Batista de Londres De 1689**. Cap. 30. Seção 2.

⁶¹ Ibidem, Seção 6. 2002; **Confissão de Fé Batista de Londres de 1689**. Cap. 30. Seções 7 e 8.

⁶² Ibidem, Parte II. Seção 7. Parágrafo Segundo. 2002.

⁶³ **Confissão de Fé de Westminster**. Cap. I. Seção 10.

primeiro texto se encontra no Evangelho segundo Lucas 22.19-23. Este relato da Ceia do Senhor na Páscoa difere dos outros sinóticos por trazer a presença de Judas, o apóstolo que trairia Jesus durante o momento da Eucaristia. O segundo texto, que se encontra em 1 Coríntios 11.17-34, traz o ensinamento de Paulo aos Coríntios sobre este sacramento. Talvez este seja o texto com mais explicações claras acerca de como proceder à Mesa do Senhor.

1.3.1 Lucas 22:19-23

O Evangelho de Jesus segundo Lucas 22:19-23 na versão Almeida Revista e Atualizada diz que:

E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós. Todavia, a mão do traidor está comigo à mesa. Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas aí daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!

O ponto neste texto é sobre quem pode participar da Ceia. Assim como Bavinck destaca, o fato de parecer que Judas, o discípulo que trairia o Senhor, ter participado da Eucaristia com Cristo, talvez abra margem para não cristãos participarem deste sacramento.⁶⁴

O próprio responde ao apresentar primeiramente que, como nos outros Evangelhos – Mateus 26.20-28 e Marcos 14.18-24, parece que Judas deixou o lugar onde estavam reunidos antes da celebração da Santa Ceia. Diante disso, pode ser inferido que o evangelista Lucas pode não ter tido uma preocupação cronológica ao relatar o fato.⁶⁵

Gordon Fee e Douglas Stuart corroboram com essa afirmação quando explicam que os Evangelhos são diferentes de uma biografia ou um livro de história, como Atos⁶⁶. Bavinck ainda completa apontando que, mesmo que Judas tenha participado da última Ceia, ele o fez na condição de discípulo de Jesus, e não como traidor.⁶⁷

Berkhof ainda coloca que os que, porventura, não sejam convertidos participam porque a Igreja não percebeu, mas trazem condenação para si.⁶⁸ Isso se dá porque, embora existam joio e trigo no meio das fileiras da igreja visível, a membresia é a forma encontrada pela a igreja de buscar separar cristãos e não cristãos.

⁶⁴ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Tradução por Vagner Barbosa, v. 4, p.587.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?**. 2011, 3.ed. tradução de Gordon Chown e Jonas Madureira, p.154.

⁶⁷ BAVINCK, Herman. op. cit., p.587

⁶⁸ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**, p. 655.

R. C. Sproul, ao comentar sobre o tema, difere a igreja visível e invisível. Segundo ele, a igreja visível é a instituição possível de se enxergar no mundo, que possui um rol de membros facilmente identificável. Já no que se refere à igreja invisível, ele explica, é muitas vezes entendida como separada da comunidade que professa ser cristã, porém isso é um erro. Para o autor, a maioria dos que são parte da igreja invisível, são ou foram parte da igreja visível, há, porém, exceções, poucas e distantes. Sproul lembra que dentro da instituição igreja, que é humanamente visível, há crentes e incrédulos. Estes estão na igreja visível, mas não estão em Cristo, pois a profissão de fé deles foi falsa. Em suma, a explicação de Sproul é que a igreja visível é aquela instituição que humanamente é possível enxergar, e a invisível é o grupo de pessoas que estão em Cristo, que foram remidos pelo sangue de Jesus e passarão a eternidade com o Pai⁶⁹. Assim, quanto à Ceia, não tem como proibir quem é parte da igreja visível, mas não da invisível, de participar, pois não é possível humanamente fazer essa distinção. Por isso, a divisão para a participação ou não da Ceia é feita a partir dos que são exteriormente discípulos.

Quando o assunto é igreja visível ou invisível, é interessante ter em mente Santo Agostinho, autor em quem Sproul se baseou para apresentar suas observações sobre o tema. Ao comentar o livro *As Regras de Ticônico*, Agostinho critica a segunda regra que diz “o corpo bipartido do Senhor”, pois diz que “não é corpo do Senhor o que não haverá de estar com ele para sempre na eternidade”.⁷⁰ Por isso, o autor sugere a nomenclatura “igreja mista”. Ele ilustra sua afirmação a partir do texto de Salomão em Cânticos 1.5 apresentando a escolha das palavras no texto que significaria “os peixes bons e maus dentro de uma só rede”.⁷¹ Para concluir o trecho de sua explicação, Agostinho de Hipona aponta que há cristãos e não cristãos dentre aqueles que afirmam serem seguidores de Cristo, mas que essa mistura não permanecerá para sempre⁷².

1.3.2 1 Coríntios 11:17-34

Paulo, em sua Epístola à Igreja de Corinto, trata sobre a Ceia de forma instrutiva ao dizer em 1 Coríntios 11:17-34, segundo a tradução da Almeida Revista e Atualizada, que:

⁶⁹ SPROUL, R. C. **A Igreja Visível e Invisível**. Ministério Fiel, 8 de outubro de 2014.

⁷⁰ AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã**, Livro III. Parte C. Cap. 32. 2002, p.191.

⁷¹ Ibidem, p.192.

⁷² Idem.

Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior. Porque, antes de tudo, estou informado haver divisões entre vós quando vos reunis na igreja; e eu, em parte, o creio. Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio. Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo. Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.

Este é o texto bíblico que mais traz luz a questão da Ceia, por ser o único texto propriamente instrutivo, diferente dos textos narrativos dos Evangelhos e de Atos. O primeiro ponto aqui é o termo ἀναξίως, presente no verso 27 e traduzido, na Almeida Revista e Atualizada, por “indignamente”. Este termo, presente em todas as principais famílias de manuscritos⁷³, é quase sempre⁷⁴ traduzido, como na Almeida Revista e Atualizada, por indignamente. Esta tradução é bem precisa, prova disso é que vários dicionários de grego⁷⁵ concordam com ela. É também pelo substantivo de mesma raiz desta palavra que a Septuaginta traduz לֵלִי em Jeremias 15:19, que diz que “Portanto, assim diz o SENHOR: Se tu te arrependeres, eu te farei voltar e estarás diante de mim; se apartares o precioso do vil, serás a minha boca; e eles se tornarão a ti, mas tu não passarás para o lado deles” na tradução da Almeida Revista e Atualizada, em português traduzido por vil, no sentido de sem valor, sem dignidade.

Simon Kistemaker, porém, aponta que esta palavra pode ser interpretada de diversas maneiras. Contudo, ele conclui que Paulo não está exigindo perfeição das pessoas para participarem da Ceia, mas a certeza de que, por causa de Cristo, os crentes têm dignidade⁷⁶. João Calvino escreve que os que participam da Ceia indignamente são aqueles que não possuem “nenhuma centelha de fé e nenhum sentimento de caridade”.⁷⁷

⁷³ Sinaítico, Alexandrino, Washingtoniano, Vaticano, entre outros.

⁷⁴ Em inglês, tanto a King James como a American Standard version, por exemplo, em português tanto a Almeida Atualizada como a Almeida Corrigida, a Nova Versão Internacional, e até mesmo versões em paráfrase como a Bíblia Viva. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje traduz por “de maneira que ofenda a honra do Senhor”, mas essa tradução mais confunde que clarifica, portanto será desprezada para o estudo neste trabalho.

⁷⁵ Os Léxicos de Bauer-Danker, Louw-Nida, Friberg e Liddell-Scott entre outros.

⁷⁶ KISTEMAKER, Simon. **1 Coríntios**. 2. ed., 2014, p.493.

⁷⁷ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. Tomo 2. 2009, p. 814.

De fato, a luz de Romanos 3⁷⁸ e de toda a doutrina da depravação total⁷⁹, se conclui facilmente que ninguém é justo e digno de sentar à Mesa do Senhor se não tiver sido justificado por Cristo. O apóstolo Paulo está assumindo que os coríntios entendem a justificação⁸⁰, também descrita em sua epístola aos Romanos⁸¹, e entendem que é pela dignidade de Cristo que eles sentam à mesa e não podem esquecer-se disto.

A segunda expressão traz ainda mais luz ao tema. *μὴ διακρίνων τὸ σῶμα*, expressão presente no versículo 29, traduzida na Almeida Revista e Atualizada por "não discernir o Corpo". As versões da Bíblia estudadas trazem sempre essa tradução ou alguma equivalente.⁸² Ela parece bem precisa visto que vários léxicos⁸³ concordam com ela. Apesar de os principais manuscritos⁸⁴ trazerem essa expressão desta forma, alguns⁸⁵, menos importantes, trazem o acréscimo "do Senhor". Kistemaker explica que esse acréscimo é muito provavelmente uma tentativa de explicação do sentido, não presente nos autógrafos. Isso porque geralmente não se condensava o texto ao copiar, mas sim ampliava tentando tornar o texto mais claro.⁸⁶

Este texto relaciona-se ao versículo anterior, o verso 28, no qual o apóstolo Paulo aponta a necessidade de autoexame. Como Kistemaker alega, a pessoa precisa se examinar e discernir o corpo para não receber juízo. A pergunta é o que significa esse corpo que é preciso reconhecer e diferenciar. É esse o Corpo de Cristo, como acrescido em alguns manuscritos e referente ao contexto imediato do versículo 27, ou corpo aqui se refere à Igreja, figura que Paulo usa muito em seus escritos, mesmo referentes à Santa Ceia, como 1 Coríntios 10:16. Neste texto, na tradução da Almeida Revista e Atualizada, é questionado: “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?”. Tanto Berkhof como Kistemaker explicam que aqui Paulo está tratando da necessidade de saber diferenciar o pão e vinho comido diariamente para matar a fome, do pão e vinho separado na Ceia do Senhor⁸⁷. É necessário, portanto,

⁷⁸ Principalmente no verso 10 que afirma: "não há um justo, nenhum sequer".

⁷⁹ Doutrina muito forte na teologia reformada que afirma que o pecado manchou todas as áreas da vida humana, de forma que ele é incapaz de buscar a Deus sozinho.

⁸⁰ Justificação é a doutrina que afirma que Deus imputa a justiça de Jesus nos eleitos.

⁸¹ Descrito a partir do versículo 21 do capítulo 3 de Romanos.

⁸² Em inglês a King James traz "não discernir o corpo" enquanto a American Standard traz "não julgar o corpo corretamente", em português a Almeida Corrigida e a Nova Versão Internacional trazem "discernir" enquanto as paráfrases Nova tradução da linguagem de hoje e a Bíblia Viva trazem "sem reconhecer que se trata do corpo do senhor".

⁸³ Os Léxicos de Bauer-Danker, Louw-Nida, Friberg e Liddell-Scott entre outros.

⁸⁴ Como o Sinaítico, Besa, Washingtoniano, Vaticano entre outros.

⁸⁵ O Códice G, RP e SC.

⁸⁶ KISTEMAKER, op. cit., p.493.

⁸⁷ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2007, p. 655; KISTEMAKER. **1 Coríntios**. 2006. 2014.

entender o que foi o sacrifício de Cristo e o mínimo de teologia sobre o que esse pão e vinho separados representam.

1.4 Análise teológica: como a teologia reformada tem participado do debate

Essa seção é dedicada à análise teológica sobre o tema de quem pode ou não participar da Mesa do Senhor. Assim, o estudo está baseado em diversos autores, principalmente autores reformados, na posição do reformador francês João Calvino, nas confissões reformadas e na Igreja Presbiteriana do Brasil.

Um primeiro autor importante que versa sobre o tema, como já foi citado anteriormente, é Louis Berkhof.⁸⁸ Ele afirma, já no início de seu texto, que: "a Ceia do Senhor não foi instituída para todos os homens". A partir dessa afirmação, percebe-se que o entendimento de Berkhof é de que nem todos devem ou podem participar da Santa Ceia. Com isso, é possível inferir que necessariamente algumas pessoas serão excluídas desse Sacramento.

Sendo assim, o debate é em torno, não de algum questionamento sobre a Ceia ser ou não para todos, mas sim da segunda parte da afirmação de Berkhof na qual ele diz que a Ceia não é: "nem mesmo para todos os que acham espaço na Igreja visível de Cristo".⁸⁹ Sua afirmação se dá, por exemplo, ao ter em mente os membros não comungantes das igrejas. Ele defende, então, que mesmo alguns que são parte da igreja militante, não podem nem devem participar da Ceia.

Herman Bavinck é outro autor importante que colabora para o debate e que tem um pensamento alinhado com as ideias de Berkhof que foram explicadas. Ele escreve que "os não batizados, incrédulos, hereges, cismáticos, pecadores públicos e excomungados são automaticamente excluídos".⁹⁰ Ele prossegue ao afirmar que não se deve dar Santa Ceia aos mortos, como foi o costume na Igreja Romana.⁹¹ Por fim, ao responder os argumentos de Wolfgang Musculus, em seu *Loci Communes*, ele coloca que crianças, batizadas na infância, mas ainda não professas, também não podem sentar à Mesa do Senhor.⁹²

Como já foi explicado, há certo consenso sobre a exclusão dos não crentes na participação da Santa Ceia. Contudo, o mesmo não acontece quando o assunto são os crentes

⁸⁸ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2007, p. 655; KISTEMAKER. **1 Coríntios**. 2006. 2014.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. 2012, p. 589

⁹¹ Idem.

⁹² Ibidem, p. 590.

não batizados. A pergunta é se existe alguma relação entre Batismo e Ceia, se basta crer para participar da Eucaristia ou se é necessário passar pelo Batismo. O ponto aqui é que o Batismo representa a inserção da pessoa no Corpo de Cristo, é um símbolo da admissão da pessoa na Igreja.⁹³ Se, como Bavinck aponta, apenas os membros da família da fé podem participar da Ceia⁹⁴, seria importante que o Batismo viesse primeiro. Grudem coloca: "Bem, se você estiver disposto a participar de um símbolo exterior de um cristão, não parece haver razão de que eles estão dispostos a participar do outro, um símbolo que corretamente vem em primeiro lugar".⁹⁵

Erwin e Wall tratam o assunto de maneira bem objetiva. Eles escrevem que é inaceitável, pelo que se conhece do Novo Testamento, que um cristão viva aceito por Deus de forma isolada, ou seja, uma pessoa que não congrega. Para eles, é importante enfatizar uma membresia ativa na Igreja para todos os crentes. E completam dizendo que, apesar de essa membresia ser de fato firmada pelo Batismo com o Espírito Santo, o Batismo com água é ensinado e ordenado na Escritura com a função de reconhecer essa membresia.⁹⁶

Outro ponto a examinar é quando se trata das pessoas que já foram batizadas, mas "que cometeram pecado público ou foram excomungados".⁹⁷ Aqui também há debate, pois nem todos acreditam que essas pessoas deveriam ser excluídas desse sacramento. Porém, outros defendem que essas pessoas tomariam parte na Mesa do Senhor de forma indigna, o que faria com que elas bebessem juízo para si, de acordo com a interpretação que eles fazem de 1 Coríntios 11:17-34. Um exemplo deste último grupo é quem segue o Catecismo de Heidelberg, pois ele afirma que:

Aqueles que se aborrecem de si mesmos por causa dos seus pecados, mas confiam que estes lhes foram perdoados por amor de Cristo e que, também, as demais fraquezas são cobertas por seu sofrimento e sua morte; e que desejam, cada vez mais, fortalecer a fé e corrigir-se na vida. Mas os pecadores impenitentes e os hipócritas comem e bebem para sua própria condenação.⁹⁸

Além da colaboração para o debate sobre o ponto dos que não deveriam, segundo eles, participar da Ceia, vale destacar a afirmação de que a Mesa do Senhor é para pecadores. Michael Horton escreve: "A Igreja pode errar, por excesso de severidade, mantendo as ovelhas de Cristo longe de seu pasto. A Ceia é um meio de graça para os fracos e não uma recompensa para os fortes."⁹⁹ Essa afirmação é necessária para colocar em humildade aquele

⁹³ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. 2012, p. 590.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2007, p.1553.

⁹⁶ PENNER, Erwin; WALL, John. **The Lord's Supper and the Church**. Fall 1989, v. 18, n. 2.

⁹⁷ BAVINCK, op.cit, p.589.

⁹⁸ **Catecismo de Heidelberg**, Fontes, história e teologia. Tradução: Zacarias Ursinus. 2010, Pergunta 81.

⁹⁹ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. 2002, p. 860.

que participa da Eucaristia e não olhe para os que estão de fora da Mesa do Senhor com orgulho.

Seguindo essa mesma premissa de que a Ceia é para os que são fracos, Berkhof declara que: "é preciso estabelecer explicitamente que a falta de certeza da salvação não impede necessariamente alguém de vir à mesa do Senhor, visto que a Ceia do Senhor foi instituída com o propósito de fortalecer a fé."¹⁰⁰

Outro grupo de pessoas que concorda com essas defesas é o que subscreve o Catecismo Maior de Westminster. O tema pode ser observado na resposta para a pergunta 172 que afirma que "para aqueles que estão em dúvida, mas tem um interesse genuíno em Cristo, esse sacramento é ordenado para conforto dos fracos, dos que não tem certeza."¹⁰¹

Ainda assim, quem vive em descrença e rebelião declarada contra os mandamentos de Deus deve ficar sob disciplina na Igreja. Mesmo no caso de cristãos genuínos, Berkhof alerta: "A condição da sua vida espiritual, sua consciente relação com Deus, e sua atitude para com os seus irmãos em Cristo podem ser tais que os desqualificam a envolver-se em exercícios espirituais do nível da celebração da Ceia do Senhor." Isto é também afirmado no Catecismo Maior de Westminster.¹⁰²

Wayne Grudem também comenta sobre a necessidade de algumas pessoas serem excluídas da participação da Mesa do Senhor. Ele explica que em Corinto, quando Paulo os exorta em 1 Coríntios 11, não era porque não sabiam que o pão significava o corpo de Cristo e o cálice o seu sangue. O que acontecia era que eles não conseguiam discernir o Corpo de Cristo, que é a Igreja, com um comportamento egoísta e imprudente para o outro enquanto estavam na Ceia do Senhor.¹⁰³ Desta forma, Hodge observa que: "É exigido dos que querem participar dignamente da Ceia do Senhor que examinem seu conhecimento para que possam discernir o Corpo do Senhor, sua fé para alimentar-se dele, seu arrependimento, amor e nova obediência".¹⁰⁴

De outra forma, Erwin Penner e John Wall explicam que Paulo proíbe crentes de participarem da Ceia¹⁰⁵, o que mostra que não é direito de todo crente participar, mas que existem ainda mais limitações. Diante de tudo isso, fica claro não só que é necessário arrependimento e crentes que vivam de modo saudável, mas também que a Igreja é

¹⁰⁰ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2012, p. 656.

¹⁰¹ **Catecismo Maior de Westminster**. In: Bíblia de Estudo de Genebra. ed. 2. 2009, Pergunta 172.

¹⁰² Ibidem, Pergunta 173.

¹⁰³ GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. ed. 2, 2007, p. 1550.

¹⁰⁴ HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. 2014, p.1502.

¹⁰⁵ PENNER; WALL. **The Lord's Supper and the Church**. 1989 (Tradução minha).

responsável por excluir aqueles que não podem participar. Também se reconhece que não é pela condição de pecado ou dúvida que não se pode participar.

A questão da participação de crianças batizadas na infância, mas ainda não professas será analisada numa seção posterior, mas vale citar a afirmação de Berkhof: "As crianças, embora tenham tido permissão para comer a páscoa nos tempos do Velho Testamento, não podem ter permissão para participar da mesa do Senhor, visto não poderem satisfazer as exigências que se requerem para uma participação digna".¹⁰⁶

Em resumo, seguem as palavras de Calvino: "Ora, se está em jogo que por nós busquemos nossa dignidade, ai de nós! Só nos resta desespero e ruína mortal! Ainda que nos empenhamos com todas as nossas forças, jamais teremos qualquer outro proveito, senão ser ainda mais indignos, quanto mais nos preocupamos por conseguir tal dignidade.".¹⁰⁷

Trazendo novamente a certeza que a Ceia é para pecadores, Calvino adverte:

Pois, não de outra forma que o alimento corporal, quando encontra um estômago ocupado de humores viciosos, também ele próprio viciado e corrupto, mais prejudica do que nutre, assim também este alimento espiritual, uma vez introduzido numa alma poluída de maldade e iniquidade, a precipita em maior ruína, e de fato não por defeito seu, mas porque aos impuros e infiéis nada é puro porque sem fé tal participação é trazer juízo para si.¹⁰⁸

Percebe-se, então, que a participação na Mesa do Senhor precisa ser mediante dignidade. Contudo, é Cristo quem torna a pessoa digna, e não ela por si só.

1.5 Uma objeção: a Pedocomunhão

Michael Horton, no trecho já citado neste capítulo introduz essa pergunta: "visto que os cristãos são batizados, não deveriam ser admitidos na Mesa também?"¹⁰⁹. Bavinck aponta que não só Católicos no Concílio de Trento, mas mesmo dentre os reformados, como Loci W. Musculus, surgiu a ideia de que não existe a necessidade de servir a Ceia as crianças também não se pode condenar tal prática.¹¹⁰ Ele continua mostrando os quatro motivos de Musculus apoiar Trento neste ponto:

1. Aqueles que possuem a coisa significada também têm direito ao sinal;
2. As crianças que podem receber a graça da regeneração também podem ser alimentadas na sua vida espiritual sem seu conhecimento;
3. Cristo é o Salvador de toda a igreja, inclusive das crianças, e alimenta todos os seus membros;

¹⁰⁶ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 3. ed. 2007, p.652.

¹⁰⁷ CALVINO, João. **Instituição da Religião Cristã**. Tomo 2. 2009, p.815.

¹⁰⁸ Ibidem, p.814.

¹⁰⁹ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. 2002, p.859.

¹¹⁰ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa., 2012, p.590.

4. A necessidade de autoexame não foi pretendida pelo apóstolo Paulo como uma exigência universal.¹¹¹

Cornelis Venema em seu livro sobre o assunto explica que muitas Igrejas Reformadas e Presbiterianas pelo mundo têm sido pressionadas a aceitar a comunhão de crianças sob a acusação de que a não participação delas na Mesa do Senhor é uma violação à teologia do pacto.¹¹² Peter J. Leithart¹¹³ é um exemplo disto. Leithart escreve um livro intitulado *Papai, Por Que Fui Excomungado?*¹¹⁴ Como resposta ao livro de Leonard J. Coppes *Papai, Posso Participar da Ceia?*¹¹⁵ Mostrando a disposição de reformados de tentarem refutar os argumentos contra a participação das crianças na Comunhão.

Venema responde com a defesa de que as crianças do pacto são sim convidadas a Mesa do Senhor. A questão é que para participar da Comunhão não é necessário apenas ser convidado, mas também trazer a resposta correta de fé.¹¹⁶ Esta resposta é dada no que se conhece como profissão de fé, quando a pessoa se declara crente perante toda a comunidade de fé, depois de entender melhor no que está crendo. Desta forma, o que está impedindo a criança de participar da Ceia não é a falta do convite à fé de seus pais, feito ainda no batismo, mas é a ausência de uma resposta racional de fé.

Venema passa então a mostrar os argumentos dos que aceitam a pedocomunhão. Ele começa apresentando o argumento histórico. Segundo ele, muitos dos que defendem esta prática começam defendendo que era assim que a Igreja agia desde seu começo.¹¹⁷ Este argumento não se sustenta sozinho porque, sem prova bíblica, a história pode ser questionada. Bavinck, por exemplo, discorda e aponta que desde o começo a Igreja tem exigido profissão de fé para participar da Comunhão.¹¹⁸

O outro argumento que Venema aponta parece ser o mais importante para os que apoiam a pedocomunhão. É o argumento, por exemplo, criticado por Coppes e reafirmado por Leithart na refutação citada acima. A analogia é entre a Páscoa judaica e a Santa Ceia. A defesa é de que, porque são análogas e porque na Páscoa as crianças participavam, elas

¹¹¹ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa., 2012, p.589.

¹¹² VENEMA, Cornelis P. **Children at the Lord's table?: assessing the case for paedocommunion**, Michigan: Reformation Heritage Books, 2009, p.2.

¹¹³ Que foi ministro da Igreja Presbiteriana da América e hoje é pastor na Comunhão das Igrejas Reformadas Evangélicas.

¹¹⁴ LEITHART, Peter J. **Daddy, why was I excommunicated?: An Examination of Leonard J. Coppes' Daddy, May I Take Communion?**. Niceville, Fla.: Transfiguration Press, 1992 (Tradução minha).

¹¹⁵ COPPES, Leonard J. **Daddy, May I Take Communion? Paedocommunion vs. the Bible**. Thornton, Colo.: Leonard J. Coppes, 1988 (Tradução minha).

¹¹⁶ VENEMA, Cornelis P. op. cit., p.6.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa, 2012, v.4, p.589.

também podem participar da Comunhão.¹¹⁹ Se a circuncisão pode ser relacionada ao Batismo então a Santa Ceia pode ser relacionada da mesma forma com a Páscoa. Bavinck afirma existir uma diferença fundamental entre a Circuncisão e a Páscoa, assim como há entre o Batismo e a Ceia. Ele aponta que: “o batismo é o sacramento de regeneração, um sacramento no qual o ser humano é passivo; a Ceia do Senhor é o sacramento da maturação em comunhão com Cristo, a formação da vida espiritual, e pressupõe uma conduta consciente e ativa por parte de quem a recebe”.¹²⁰ Assim, percebe-se que a posição de Bavinck é de que essa diferença não pode ser ignorada ao se discutir a possibilidade de crianças batizadas participarem da Eucaristia.

Bavinck ainda conclui da mesma forma que Venema, afirmando que a não participação das crianças na Ceia não as retira os benefícios da aliança, "apenas negam a elas uma forma específica nos quais os benefícios são sinalizados e selados porque não é um modo adequado à sua idade".¹²¹ Diante disso, observa-se que não existe um prejuízo pactual da criança não participar da santa ceia. Sendo assim, não é incoerente dizer que ela faz parte da família da aliança mesmo que ainda não esteja apta para participar de um sacramento específico.

A partir de tudo que foi estudado e apresentado no capítulo, é possível perceber a importância de examinar a si mesmo e de ser considerado digno a participar da santa ceia do Senhor. Com relação a não cristãos, são excluídos da Santa Ceia justamente pela falta de dignidade para tal participação, já que, segundo as evidências que devem caracterizar a igreja visível, não têm a justiça de Deus imputada neles por não terem sido convertidos pelo Espírito Santo. No que se refere a crianças e a pessoas que estão sob disciplina eclesiástica, não participam ou por não poderem se auto examinar adequadamente – no caso das crianças – ou porque ao fazer este exame é entendido que um tratamento é necessário antes de sentar-se à mesa do Senhor – no caso de pessoas sob disciplina eclesiástica.

¹¹⁹ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa, 2012, v.4, p.672.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Idem.

2. QUEM PODE MINISTRAR A SANTA CEIA DO SENHOR

A partir do supra explicado, o estudo se aterá, neste capítulo, em quem pode administrar a ceia. Para isso, o questionamento da necessidade ou não de ordenação para exercer essa função será analisado a partir da mesma estrutura utilizada no capítulo anterior, a saber, primeiro um breve histórico, seguido pela posição defendida por diversas igrejas, análise exegética e concluindo com o que a igreja reformada acredita sobre o assunto.

Aparentemente bem consolidada na teologia reformada, a certeza de que apenas um ministro ordenado pode administrar a Ceia do Senhor está presente claramente no capítulo XXVII da Confissão de Fé de Westminster. Ali é afirmado que: “há só dois sacramentos ordenados por Cristo, nosso Senhor, no Evangelho - o Batismo e a Santa Ceia; nenhum destes sacramentos deve ser administrado senão pelos ministros da palavra legalmente ordenados”.

Ainda, é possível observar a mesma defesa no capítulo 18 da Segunda Confissão Helvética onde é afirmado que:

Os ministros, despenseiros dos mistérios de Deus. Contudo, para explicar mais completamente o ministério, o apóstolo acrescenta que os ministros da Igreja são ecónomos ou despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, em muitas passagens, especialmente em Efésios, cap. 3, São Paulo chamou “mistérios de Deus” ao Evangelho de Cristo. E os escritores antigos também chamaram “mistérios” aos sacramentos de Cristo. Assim, é para isto que os ministros da Igreja são vocacionados - para pregarem o Evangelho de Cristo aos fiéis e para administrarem os sacramentos. Lemos, ainda, em outro lugar do Evangelho, a respeito do “mordomo fiel e prudente” a quem “o senhor confiará os seus conservas para dar-lhes o sustento a seu tempo” (Luc 12.42). Além disso, em outra passagem do Evangelho, um homem parte de viagem para um país estrangeiro e, deixando sua casa, passa os seus bens e a sua autoridade nesta a seus servos, dando a cada um a sua tarefa.¹²²

De semelhante modo, o Catecismo de Heidelberg se posiciona com uma afirmação na mesma linha de raciocínio. Assim, a pergunta 75 e sua respectiva resposta são:

75. Como a santa ceia ensina e garante que você tem parte no único sacrifício de Cristo na cruz e em todos os seus benefícios?
R. Da seguinte maneira: Cristo me mandou, assim como a todos os fiéis, comer do pão partido e beber do cálice, em sua memória. E Ele acrescentou esta promessa: Primeiro, que, por mim, seu corpo foi sacrificado na cruz e que, por mim, seu sangue foi derramado, tão certo como vejo com meus olhos que o pão do Senhor é partido para mim e o cálice me é dado. Segundo, que Ele mesmo alimenta e sacia minha alma para a vida eterna com seu corpo crucificado e seu sangue derramado, tão certo como recebo da mão do ministro e tomo com minha boca o pão e o cálice do Senhor. Eles são sinais seguros do corpo e do sangue de Cristo.¹²³

As principais queixas a respeito de apenas o pastor poder ministrar a Ceia estão relacionadas com as igrejas onde não existe ministro ordenado. De fato, este problema tem sido enfrentado por igrejas em várias partes do mundo. Tal questão é percebida em especial

¹²² BULLINGER, Heinrich. **Segunda Confissão Helvética**, 1562, cap. 18, p.35.

¹²³ **Catecismo de Heidelberg**, pergunta 75, p.16.

nos campos missionários, que surgem, às vezes, com um evangelista e que, diante da formação da comunidade, não possuem ministro, dependendo, então, de algum pastor de outra região ir ministrar a Ceia quando possível. Esta é realmente uma questão preocupante, mas será que suficiente para justificar uma prática diferente?

2.1 Breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui

Novamente, para iniciar a discussão do tema, uma breve linha histórica se faz necessária. Começando no período apostólico, Bavinck explica que no Novo Testamento apenas aqueles separados para um ofício puderam administrar os sacramentos. Desta forma, como o sacramento está em estreita ligação com a Palavra, o direito de ministrá-lo passou também dos apóstolos e evangelistas para os presbíteros que trabalhavam na Palavra e no ensino.¹²⁴

Justino Martir, na sua primeira apologia, ao narrar a ministração da Ceia sempre aponta que "aquele que preside" ou o bispo é quem dirigia o momento, isso no século II. A partir daí, têm-se mais informações sobre a ministração do Batismo do que da Ceia. Isso porque Bavinck explica que:

No entanto, o crescimento numérico das igrejas e também a - cada vez mais aceita - opinião de que o batismo era estritamente necessário à salvação levaram à opinião de que ele podia ser ministrado também por presbíteros, diáconos, paroquianos e, em caso de emergência, até mesmo por qualquer ser humano dotado de razão. A Igreja Católica Romana reconhece o batismo quando ministrado por um herege, até mesmo um batismo realizado por um incrédulo, um judeu ou um pagão, muito embora a necessária "intenção de fazer aquilo que a igreja faz" seja difícil de demonstrar aqui.¹²⁵

Percebe-se, então, pela explicação de Bavinck, que, por causa do conceito romano de que sem o Batismo não há salvação, passou-se a aceitar que, em emergências, outras pessoas batizassem, incluindo o Batismo ministrado pelos hereges.

A partir dessa breve explicação, já é possível perceber que o Batismo foi um assunto muito mais tratado do que a Ceia pela Igreja durante toda a Idade Média. Isso porque havia diversas questões, como foram algumas aqui apresentadas, que geravam o debate acerca de quem poderia ministrar o Batismo. Com a Santa Ceia não aconteceu o mesmo. Com base nisso, infere-se que, possivelmente, quem poderia ministrar a Mesa do Senhor era consenso na Igreja da época. Logo, esse é um tema que quase não aparece nos debates históricos.

¹²⁴ BAVINCK. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa. 2012, v.4, pp. 539-540.

¹²⁵ BAVINCK, op.cit, p. 540.

2.2 Posições de diversas igrejas

Apesar de não ser um tema de debate na Idade Média, pode-se discutir o assunto a partir da prática e das argumentações que diversas igrejas apresentam nos dias hodiernos. Assim, serão analisadas a Igreja Católica Apostólica Romana; a Igreja Ortodoxa Oriental Russa; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; e Igreja Universal do Reino de Deus.

2.2.1 Igreja Católica Apostólica Romana

A posição da Igreja Católica Apostólica Romana é explícita em seu catecismo. Logo no início do texto sobre o tema, já é apresentado que qualquer um que celebre a liturgia pode ministrar a Ceia do Senhor. O argumento para esta afirmação é o fato de que todos estes, que celebram a liturgia, participam dela ativamente. Para um melhor entendimento, é interessante observar a resposta que é dada para a pergunta de quem celebra a liturgia. Nesta situação, o catecismo responde que:

É toda a *comunidade*, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra. As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é "o sacramento da unidade", isto é, povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos. Por isso, tais ações pertencem a todo o corpo da Igreja, manifestam-no e afetam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual. Também por isso, sempre que os ritos comportam, segundo a natureza própria de cada qual, uma celebração comum, caracterizada pela presença e ativa participação dos fiéis, inculque-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada.¹²⁶

Em seguida, é apresentada a existência de diferentes funções. É dito, baseado em Romanos 12:4, que: “nem todos os membros têm a mesma função”. Alguns deles são chamados por Deus, na Igreja e pela Igreja, a um serviço especial da comunidade. Estes servidores são escolhidos e consagrados pelo Sacramento da Ordem, pelo qual o Espírito Santo os torna aptos para agirem na pessoa de Cristo-Cabeça ao serviço de todos os membros da Igreja. O ministro ordenado age como “ícone” de Cristo-Sacerdote. Por ser na Eucaristia que se manifesta plenamente o sacramento da Igreja, na presidência da Eucaristia aparece em primeiro lugar o ministério do bispo e, em comunhão com ele, o dos presbíteros e diáconos¹²⁷. Em relação à comunhão, há a afirmação de que: "só os sacerdotes validamente ordenados

¹²⁶ **Catecismo da Igreja Católica.** Segunda Parte. Seção 1. Cap. 2. Artigo 1, seq. 1140, p.321.

¹²⁷ *Ibidem*, p.322.

podem presidir à Eucaristia e consagrar o pão e o vinho, para que se tornem o corpo e o sangue do Senhor".¹²⁸

É interessante notar, porém, que nem todos os sacramentos estão submetidos a essa proibição. No caso do Batismo, por exemplo, o catecismo afirma que, por mais que ordinariamente o sacerdote deve batizar, em caso de emergência qualquer crente batizado pode fazê-lo:

São ministros ordinários do Batismo o bispo e o presbítero, e, na Igreja latina, também o diácono. Em caso de necessidade, qualquer pessoa, mesmo não batizada, desde que tenha a intenção requerida, pode batizar utilizando a fórmula batismal trinitária. A intenção requerida é a de querer fazer o que faz a Igreja quando batiza. A Igreja vê a razão desta possibilidade na vontade salvífica universal de Deus e na necessidade do Batismo para a salvação.¹²⁹

Isto porque, como já foi pontuado antes, na teologia romana o Batismo é necessário para a salvação.

2.2.2 Igreja Ortodoxa Oriental Russa

Na Ortodoxia Oriental Russa, a Eucaristia é vista como “o sacramento dos sacramentos”, sendo considerado o sacramento central da Igreja.¹³⁰ Após explicar o que entendem por Santa Eucaristia, o texto do Catecismo Básico segue até ser apresentado no documento quem pode ministrar a Ceia. É afirmado, então, que apenas bispos e sacerdotes podem ocupar a posição de celebrantes da Santa Ceia¹³¹, podendo ter os diáconos como ajudantes: “o diácono é o ajudante do Presbítero e do Bispo na celebração dos sacramentos”.¹³² Assim, percebe-se que é um pouco diferente a forma como encaram os ofícios. Por isso, o diácono também participa da ministração da Ceia, não da mesma forma que o padre, mas também não como um membro comum.

2.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

O Catecismo de Augsburgo de Melanchton, usado hoje como base confessional para a Igreja Evangélica de Congissão Luterana no Brasil, atesta: "da ordem eclesiástica se ensina que sem chamado regular ninguém deve publicamente ensinar ou pregar ou administrar os

¹²⁸ **Catecismo da Igreja Católica.** Segunda Parte. Seção. Seção 7. Cap. 1. Artigo 2. 2002, seq. 1411, p. 390.

¹²⁹ *Ibidem*, Segunda Parte. Seção 4. Cap. 1. Art.1. 2002, seq. 1256, p. 349.

¹³⁰ **Catecismo:** Ensinaamentos Básicos da Fé Ortodoxa, adaptados do Catecismo do Arcebispo Metropolitano Sotirios (Metrópole Ortodoxa Grega de Toronto, Canadá) para utilização na Paróquia Ortodoxa Santa Mártir Zenaide (Patriarcado de Moscou, Rio de Janeiro), traduzido e organizado pelo Diácono Marcelo (Paiva), sob orientação do Rev. Presbítero Vasyli (Gelevan), reitor da Paróquia, p.170.

¹³¹ *Ibidem*, p.171.

¹³² *Ibidem*, p.184.

sacramentos na Igreja"¹³³. É prática desta Igreja, desde então, a ministração da Ceia apenas por aqueles ordenados.

2.2.4 Igreja Universal do Reino de Deus

O Manual de Obreiros traz recomendações de como a Ceia deve ser servida na Igreja Universal do Reino de Deus. Ali explica, por exemplo, como o obreiro precisa estar vestido, haja vista ser este um momento importante. Porém, a maior questão para este trabalho é que afirmam que é o pastor quem deve presidir a ministração da Santa Ceia.¹³⁴

2.3 Análise exegética: o que a bíblia diz em 1 Coríntios 4:1

Novamente o ponto de partida para a investigação deste tema é a própria Escritura. Por mais que Wayne Grudem afirme que "a Escritura não faz ensino específico sobre esta questão, de modo que só podemos decidir o que é sábio e adequado para o benefício dos fiéis na igreja"¹³⁵, alguns textos podem ser estudados para trazer clareza para essa decisão.

Um versículo importante para discutir o tema é 1 Coríntios 4:1. Este, na tradução da Almeida, Revista e Atualizada, afirma que: “assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.”. Neste texto dois pontos são importantes. Primeiro, entender quem é o despenseiro que Paulo menciona e, depois, qual a importância da palavra “mistérios” ali.

Para isso, levando em consideração o primeiro ponto, é necessário saber que a palavra grega é οἰκονόμους, e ela se encontra em todos os manuscritos importantes. Traduzida por “despenseiros” na Almeida Revista e Atualizada e como “encarregado” em outras versões¹³⁶, tem, segundo vários dicionários¹³⁷, realmente esse significado de “quem administra”. Kistemaker, trazendo mais luz ao termo, explica que um despenseiro ou mordomo era alguém a quem o senhor confiou sua casa, seus bens, para ser deles administrador. Devendo ainda prestar contas de tempos em tempos.¹³⁸

Também é importante notar que o apóstolo Paulo coloca esta palavra no plural, apesar de, a partir do versículo três, começar a falar no singular. Isto indica que não é apenas Paulo o

¹³³ **Confissão de Augsburgo**. 1530, Artigo 14.

¹³⁴ **Manual do Serviço Sagrado**. Igreja Universal do Reino de Deus. 2015.

¹³⁵ GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**, ed. 2. 2007, p. 1550

¹³⁶ Nova Versão Internacional e nas paráfrases Bíblia Viva e Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

¹³⁷ Os Léxicos de Bauer-Danker, Louw-Nida, Friberg e Liddell-Scott entre outros.

¹³⁸ KISTEMAKER, Simon. **1 Coríntios**, 2014, p.165.

despenseiro de Cristo. O texto de Tito 1:7, que afirma que “porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus, não arrogante, não irascível, não dado ao vinho, nem violento, nem cobiçoso de torpe ganância”, segundo a tradução Almeida Revista e Atualizada, usa esta mesma palavra quando fala das características do ministro. João Calvino escreve que Paulo não fala apenas dele, mas de todos os pastores neste verso.¹³⁹ Diante disso, entende-se que o despenseiro aqui não é somente o apóstolo Paulo. Pelo contrário, percebe-se que essa mesma palavra é usada para descrever todos os ministros de Deus.

A segunda palavra que precisa ser examinada é *μυστηρίων*, também presente em todos os manuscritos importantes. Ela é traduzida em todas as versões da Bíblia consultadas¹⁴⁰ como “mistérios”, o que é bem preciso quando comparado com a tradução em vários léxicos.¹⁴¹

Este termo é importante porque, como Kistemaker aponta, define o que fazem os despenseiros. Eles não são mordomos de uma casa, mas de mistérios da graça.¹⁴² Calvino traz luz a isso quando explica que, por mais que o mistério seja uma denominação do Evangelho, por estarem conectados aos sacramentos, os ministros da palavra também são autorizados a ministrar os sacramentos.¹⁴³ Essa interpretação não está isolada, a Segunda Confissão Helvética apresenta que mistérios, nesta passagem, envolviam os sacramentos.¹⁴⁴

É essa, também, a conclusão de Kistemaker: que despenseiros edificam a Igreja com a pregação da palavra e com os sacramentos.¹⁴⁵ Calvino ainda afirma, baseado neste texto, que a função dos pastores é pregar a Palavra e ministrar os Sacramentos.¹⁴⁶ Desta forma, diferem o texto de Coríntios aqui estudado e o de 1 Pedro 4:10-11¹⁴⁷, onde Pedro, ao falar que todos os cristãos são despenseiros, não diz que são despenseiros dos mistérios, mas da multiforme graça, ou seja, cada um com sua função.

¹³⁹ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. Tomo 2, 2009, p. 506.

¹⁴⁰ Em inglês a King James e a American Standard Bible, em português a Almeida revista e atualizada, a Almeida Corrigida, a Nova Versão Internacional e as paráfrases, Nova Tradução na Linguagem de Hoje e Bíblia Viva.

¹⁴¹ Os Léxicos de Bauer-Danker, Louw-Nida, Friberg e Liddell-Scott entre outros.

¹⁴² KISTEMAKER, *ibidem*, p.165.

¹⁴³ CALVINO. *op.cit.*, p.506.

¹⁴⁴ BULLINGER, Heinrich. **Segunda Confissão de Helvética**. Cap. 18, 1562, p.35.

¹⁴⁵ KISTEMAKER, *ibidem*, p.165..

¹⁴⁶ CALVINO. *op.cit.*, p.506.

¹⁴⁷ “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”. (1 Pedro 4:10-11 ARA).

Por inferência bíblico-teológica é possível afirmar que este texto é um indicativo de que apenas ministros ordenados podem administrar sacramentos. Esta afirmativa é corroborada pelo fato de que há muito tempo a igreja tem interpretado desta forma.

2.4 Análise teológica: como a teologia reformada tem participado do debate

A Confissão de Fé de Westminster define: "há só dois sacramentos ordenados por Cristo, nosso Senhor, no Evangelho – o Batismo e a Santa Ceia; nenhum destes sacramentos deve ser administrado senão pelos ministros da Palavra legalmente ordenados".¹⁴⁸ Berkhof explica esta afirmação da exclusividade dos ministros ordenados administrarem os sacramentos quando escreve que as igrejas reformadas sempre agiram com base na premissa de que a pregação da Palavra e a administração dos sacramentos são unidos. Portanto, apenas quem pode legalmente ministrar a Palavra pode fazê-lo com o sacramento.¹⁴⁹ Bavinck afirma que, no Novo Testamento, apenas aqueles separados para um ministério específico puderam administrar sacramentos.¹⁵⁰

João Calvino defende que quando Jesus trata sobre o assunto e ordena que a Igreja celebre os sacramentos, ele não ordenou, senão aos seus apóstolos na qualidade de despenseiros dos mistérios de Deus, que o fizessem.¹⁵¹ Desta forma, apenas os ministros da Palavra podem obedecer a essa ordenança. Caso contrário, Calvino alega, Jesus teria ordenado a ministração dos sacramentos de maneira mais abrangente.¹⁵²

Para explicar essas afirmações, algumas questões precisam estar claras. Primeiro, que os sacramentos são para a Igreja. Bavinck afirma isso, o sacramento é "um bem que Cristo deu à sua igreja".¹⁵³ Além disso, em segundo lugar, que eles são parte do culto público. Novamente Bavinck se manifesta afirmando que os sacramentos precisam ser ministrados abertamente na reunião da Igreja, juntamente com a pregação da Palavra.¹⁵⁴

O terceiro ponto é encontrado na Confissão de Fé de Westminster quando esta explica a diferença entre Igreja visível e Igreja invisível.¹⁵⁵ Os sacramentos são, então, para a Igreja visível. Matthew McMahon explica que Jesus dá dons a sua Igreja, e, como visto em Efésios 4, traz diferentes ministérios para essa Igreja se organizar. Assim, a Igreja não seria apenas

¹⁴⁸ **Confissão de Fé de Westminster.** Cap. XXVII. Parágrafo 4.

¹⁴⁹ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** 3. ed. 2007, p. 628.

¹⁵⁰ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada.** Traduzido por Vagner Barbosa, 2012, pp.539-540.

¹⁵¹ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã.** Tomo 2, 2009, pp.505-506.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ BAVINCK, op. cit., p.539-540.

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ **Confissão de Fé de Westminster.** op. cit., Cap. XXV.

um grupo de pessoas que se diz cristão, mas uma instituição bem formada, com liderança definida em homens chamados por Deus e que receberam dons específicos para cumprirem seu chamado.¹⁵⁶

Bavinck, depois de demonstrar que é o próprio Jesus quem reina sobre a Igreja, pontua: "Cristo também instituiu um ofício específico, o presbítero, por meio do qual governa sua Igreja".¹⁵⁷ Sendo assim, percebe-se que não há motivos para que a ministração da Ceia seja feita por qualquer membro. Isso porque Deus demonstra singular preocupação com a organização da Igreja e com os homens a quem delegaria as funções de acordo com os dons que o próprio Deus deu a eles. Em suma, é porque os sacramentos funcionam dentro desta instituição, debaixo do governo mediado pelos presbíteros, que não soa estranho apenas os ministros poderem administrar a Ceia do Senhor.

2.5 Uma objeção: a questão dos evangelistas

Apesar de tudo o que foi apresentado, e diante da definição dos símbolos de fé, uma objeção é encontrada: a questão dos evangelistas.

McMahon aponta que os anabatistas usaram a história do evangelista Filipe¹⁵⁸ para tentar provar que qualquer crente pode batizar, diante de uma profissão de fé. A questão para este trabalho é se um evangelista poderia, sem ser ordenado pela Igreja, administrar os sacramentos. Alguns pontos precisam ser entendidos sobre a história de Filipe.

Primeiro, é preciso atentar-se à ideia errônea de que Filipe agia como um evangelista andarilho, fora da hierarquia da Igreja. McMahon declara que tal afirmação é uma falácia¹⁵⁹ porque Filipe havia sido ordenado para o diaconato, submetendo-se a hierarquia da Igreja.¹⁶⁰ Ele não abre mão deste ofício, pois em Atos 21:8 diz que: “no dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia; e, entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele”. Esse versículo afirma que Filipe era um dos sete, em referência aos sete diáconos. Outro ponto importante está em Atos 8, quando Filipe começa a pregar, e as pessoas começam a ser

¹⁵⁶ McMAHON, Matthew. **Who Should Administer the Sacraments?** Pastoral Theology and Expository Preaching Articles. 2017.

¹⁵⁷ BAVINCK, op.cit., p.539-540

¹⁵⁸ Felipe foi um dos primeiros sete diáconos que os apóstolos ordenaram logo no começo da igreja. O capítulo 8 de Atos conta como ele se tornou um grande evangelista pregando entre os samaritanos. A parte da história de Felipe usada para defender esse tipo de prática se encontra a partir do verso 26 deste capítulo 8. Aqui ele evangeliza um Eunuco Etíope e, logo após a conversão, ele desce a água e o batiza.

¹⁵⁹ McMAHON. op. cit.

¹⁶⁰ Esta história está registrada no livro de Atos capítulo 6.

convertidas. Os apóstolos, então, enviam Pedro e João para lá. Ele não estava agindo de forma independente, ele estava sob a supervisão da liderança apostólica da Igreja.

Ainda assim, diante do fato de ele ser um diácono e batizar, poderia surgir uma argumentação de que então não existiria a necessidade de ordenação ao ministério da Palavra para administrar os sacramentos. O importante neste aspecto é notar o caráter de excepcionalidade nesta história e não tratá-la como normativa. É importante notar que ele não só pregava, mas fazia milagres e sinais, e foi, inclusive, trasladado por Deus.

A partir do que foi estudado e apresentado no capítulo, algumas conclusões podem ser inferidas do debate acerca de quem pode ministrar a Santa Ceia. Em primeiro lugar, entende-se que um sacramento, como é o caso da Ceia, não pode ser ministrado sem preocupação, cuidado, responsabilidade e atenção. Por isso, é essencial que não seja realizado por alguém que seja incrédulo ou que ainda não tenha um bom conhecimento sobre o que é a Mesa do Senhor e sua importância. Entretanto, a ordenança de Jesus, o papel dos despenseiros dos mistérios de Deus e a história da Igreja são argumentos para a defesa de que não ser incrédulo ou ter um bom conhecimento não é suficiente para administrar este sacramento. Assim sendo, entende-se que apenas os ministros ordenados têm autorização para tal feito.

3. QUAIS SÃO OS ELEMENTOS DA SANTA CEIA DO SENHOR?

Este capítulo tem por objetivo incitar o debate acerca dos elementos da Santa Ceia. Sendo assim, vale ressaltar que não é um capítulo normativo, e sim um estudo com a intenção de corroborar para um grande debate que existe quanto ao assunto da Mesa do Senhor. Por isso, o capítulo busca mostrar como o pão e o vinho têm sido usados na história da igreja, assim como quais são os argumentos que têm sido apresentados para a substituição do vinho pelo suco de uva, como a bíblia e os símbolos de fé reformados lidam com essa questão e qual a prática de diversas igrejas.

3.1 Breve análise dos fatos históricos: como o debate chegou até aqui

Por muitos séculos do cristianismo, a questão de quais devem ser os elementos da Santa Ceia parece ter sido consenso devido à falta de textos que versam sobre esse debate antes do século XIX. Pão e vinho, como instituídos pelo Senhor Jesus¹⁶¹, foram usados sem muito questionamento durante dezenove séculos. Duas situações mais modernas contestam esse uso. Primeiramente, o movimento de temperança, nos Estados Unidos, que surge nas primeiras décadas de 1800, muito firmado na religião cristã, começa a combater o consumo de álcool.¹⁶² Em segundo lugar, a contextualização moderna feita por missionários nos locais onde não existe uma produção natural de uva e de vinho, nem de trigo e pão.¹⁶³

Em primeiro lugar, vale ter em mente esse Movimento de Temperança. Ele aparentemente afeta mais as Américas e é radicalizado nas igrejas fundamentalistas¹⁶⁴ e no Movimento Pentecostal do início de 1900. Porém, já em 1864, a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal se manifestou aprovando um relatório, no Comitê de Temperança, recomendando a substituição do vinho por suco de uva¹⁶⁵. Tal substituição prevalece atualmente na prática, por exemplo, da maioria das congregações da Igreja Presbiteriana do Brasil.

¹⁶¹ Mateus 26:26-29

¹⁶² BERK, Leah Rae. **Alcohol, Temperance & Prohibition: Temperance and Prohibition Era Propaganda: A Study in Rhetoric**. Brown University Library Center, 2004, s/p.

¹⁶³ NEGRÃO, Héber. **Contextualização e simbolismo na Santa Ceia**, 2017, que apresenta o caso de um missionário que levanta essa questão como um problema prático.

¹⁶⁴ BERK, op.cit., s/p.

¹⁶⁵ LOVINO, Joe. **Methodist history: Controversy, Communion, & Welch's Grape Juice**. South Nashville: United Methodist Communications, 2016, s/p.

Com relação à contextualização nos campos missionários, tem-se o exemplo de Heber Negrão. Ele escreve um artigo em que tenta explicar que o significado dos elementos é mais importante do que os elementos em si. Assim, eles poderiam ser substituídos pelos produtos disponíveis nas regiões evangelizadas. A ideia é que, desta forma, a Ceia fique mais contextualizada e de mais fácil acesso a esses povos.¹⁶⁶

Como comentado anteriormente, por muitos séculos da história da Igreja parece não haver quase nenhum debate acerca dos elementos da Ceia. González, quando conta sobre a Ceia no começo da história da Igreja, aponta que primeiro era servida uma refeição e, depois, pão e vinho. Mesmo depois que tiveram de abrir mão da refeição, porque muitos confundiam com a festa ágape, o pão e o vinho foram mantidos.¹⁶⁷

Com o passar do tempo, a doutrina da transubstanciação¹⁶⁸ foi sendo cada vez mais aceita pela Igreja, o que fez com que os elementos ganhassem ainda mais valor, e a possibilidade de mudança se tornasse mais remota. Jaroslav Pelikan afirma que, na Idade Média, a missa, celebrada da maneira correta, se tornou o centro da fé cristã.¹⁶⁹ E, mesmo quando Berengário de Tours questiona a transubstanciação no século XI, a necessidade da utilização do pão e do vinho na Ceia não foi questionada.¹⁷⁰

Na Reforma Protestante, quando se rompe com a Igreja Romana na questão da Mesa do Senhor, não aceitando a transubstanciação, o uso do pão e do vinho se mantém. Mesmo com cada reformador tendo sua doutrina sobre o assunto (Lutero na consubstanciação, Calvino na presença espiritual e Zwinglio entendendo que a Ceia é meramente memorial), eles concordam entre si que os elementos da Ceia são pão e vinho.¹⁷¹

Vale lembrar também dos Puritanos ingleses, que foi um grupo que buscou maior pureza na religião e na vida cristã. Apesar de insistirem numa vida sóbria e na moderação, não se opuseram ao uso do vinho na Ceia.¹⁷²

Apenas no século XIX surgem grupos, já nos Estados Unidos da América, combatendo a bebida alcoólica. Esses grupos são formados principalmente por cristãos, esposas e filhos de alcoólatras que sofreram por conta disso. O que começa como um

¹⁶⁶ NEGRÃO, Héber. **Contextualização e simbolismo na Santa Ceia**. 2017, s/p.

¹⁶⁷ GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do Cristianismo**. 2012, v.1, p. 151

¹⁶⁸ Transubstanciação é a doutrina, que a Igreja Romana ainda aceita, sobre como se dá a comunicação das bênçãos na eucaristia. A ideia é que o pão e o vinho mudam de substância, apesar de se manter nos acidentes, se tornam carne e sangue.

¹⁶⁹ PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2015, v. 3, p. 231.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 232.

¹⁷¹ GONZÁLEZ, op.cit, p.96.

¹⁷² Ibidem, p.53.

movimento de temperança, inclusive é assim chamado, cada vez mais caminha para a luta pela abstinência do álcool. Leah Rae Berk, em seu artigo *Alcohol, Temperance and Prohibition*¹⁷³ explica essa história e mostra como o sofrimento por conta do abuso do álcool foi levando um número de pessoas cada vez maior a combater esse tipo de bebida.

Em 1864, Louis Pasteur cria um processo¹⁷⁴ com o qual bebidas podem facilmente ser armazenadas sem fermentação. Apenas quatro anos depois, Tomas Bramwell Welch aplica esse processo no suco de uva, prevenindo a fermentação, para cumprir uma determinação de sua denominação, a Igreja Metodista Episcopal. Por pressão do Movimento de Temperança, essa igreja havia, em 1964, decidido usar suco de uva no lugar do vinho para evitar o alcoolismo.¹⁷⁵ A ideia prosperou a ponto de a companhia de Welch crescer produzindo suco de uva para igrejas e hoje ser uma grande empresa.

A partir do século XX surge o movimento pentecostal. Entre outras ênfases, este movimento buscava um grande rigor moral.¹⁷⁶ Como surge no auge do movimento de temperança, também proíbe o consumo do álcool. Aqui é possível observar a história americana fortalecer o argumento desses movimentos, pois, em 1919 a 18ª emenda constitucional, que proíbe o álcool, é aprovada nos Estados Unidos.¹⁷⁷ Como muitas igrejas ainda mantinham a ideia de que, na bíblia, Jesus bebia vinho e mandou que bebêssemos na Ceia, surge a necessidade de argumentar a favor do suco.¹⁷⁸

A solução encontrada foi defender que o fruto da vinha, mencionado na Escritura¹⁷⁹, não era fermentado. Esse é basicamente o argumento que existe ainda hoje para a utilização de suco de uva no lugar do vinho. Prova disso é a tradução da Bíblia feita por Dr. Stephen Reynolds, chamada *Purified Translation of The Bible*¹⁸⁰, que tem por objetivo corrigir alguns termos usados na tradução que podem levar a Igreja a cometer erros. O foco, porém, é a proibição do álcool. Ele traduz de forma a expressar um uso de suco de uva não fermentado e a proibição do consumo de álcool por cristãos. Além de Reynolds, Scott Shifferd escreve um

¹⁷³ BERK, Leah Rae. **Alcohol, Temperance & Prohibition: Temperance and Prohibition Era Propaganda: A Study in Rhetoric.** Brown University Library Center, 2004, s/p.

¹⁷⁴ Processo de Pasteurização, que consiste em aquecer e resfriar certa bebida, matando os micro-organismos presentes ali.

¹⁷⁵ LOVINO, Joe. **Methodist history: Controversy, Communion, & Welch's Grape Juice.** South Nashville: United Methodist Communications, 2016, s/p.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ ATF. **18th Amendment 1919 (National Prohibition Act).** 2016.

¹⁷⁸ LOVINO, op.cit., s/p.

¹⁷⁹ Como, por exemplo, em João 2.3; em 1 Timóteo 5.23 e em Lucas 22.18.

¹⁸⁰ **Purified Translation of The Bible**, traduzido por Stephen Mills Reynolds. Glenside, PA: The Lorine L. Reynolds Foundation, 2000.

pequeno artigo¹⁸¹ apontando que o vinho na época era muito menos fermentado e continha menos de 3% de álcool enquanto os vinhos hoje em dia possuem maior teor alcoólico.

Apesar de o movimento de temperança e o movimento pentecostal não terem atingido muito a igreja europeia, e, portanto, se manteve o uso de álcool naquela região, nas Américas grande parte das igrejas passou a usar o suco de uva. A explicação para essa substituição é a que já foi explicada, a saber que quando se fala na bíblia e nos Símbolos de Fé sobre vinho, na verdade quer dizer fruto da vinha de maneira geral. Assim, como é preciso evitar o álcool para combater o alcoolismo, a melhor maneira seria com o uso do suco de uva como segundo elemento da Santa Ceia.

3.2 Posição de diversas igrejas

Este é um tema que é mais difícil de encontrar um consenso nos dias atuais. Por isso, é interessante tentar entender a posição e a prática de algumas igrejas. Logo, essa seção lidará com as seguintes denominações: Igreja Católica Apostólica Romana; Igreja Ortodoxa Oriental Russa; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Igreja Universal do Reino de Deus; e Igreja Batista.

3.2.1 Igreja Católica Apostólica Romana

Os elementos são: o pão e o vinho. O vinho precisa ser fermentado visto que eles entendem que é no vinho que está a expectativa messiânica. Porém, existe a prática de misturar água ao vinho. Na sua doutrina, baseada em São Cipriano¹⁸², a água simboliza o homem e o vinho simboliza Cristo e, assim, no cálice estão unidos Jesus e a Igreja. Essa denominação defende que os judeus costumavam misturar água ao vinho e, portanto, Jesus deve ter tomado essa mistura quando instituiu a Ceia.¹⁸³

3.2.2 Igreja Ortodoxa Oriental Russa

Essa igreja mantém a prática de usar o pão e o vinho. O Catecismo deles afirma que:

¹⁸¹ SHIFFERD, Scott J. **What Kind of Wine Did Jesus Drink?**. 2011. (Tradução minha).

¹⁸² RAMOS, Felipe. **O simbolismo do pão e do vinho na Eucaristia**. Revista Arautos do Evangelho, Março/2006, n. 51, p.31- 33.

¹⁸³ Idem.

Ela [a Santa Eucaristia] pode ser celebrada uma vez por dia. Ela é realizada durante a Divina Liturgia. Pão e vinho são oferecidos. Esse pão e vinho são santificados e, apesar de serem substâncias físicas, através da intervenção do Espírito Santo, são transformados em dons espirituais - no corpo e sangue de Cristo. Deus criou, a partir do nada, o visível (físico) e mundo invisível (espiritual). De coisas físicas - pão e vinho - Ele faz o corpo e o sangue de Cristo.¹⁸⁴

Além disso, também afirmam que: “o Bispo e o Presbítero oram a Deus Pai que envie o Espírito Santo e transforme o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo”.¹⁸⁵ Sendo assim, percebe-se que a Igreja Ortodoxa Oriental Russa usa, como elementos da Ceia, pão e vinho.

3.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil também utiliza pão e vinho para a celebração da Santa Ceia. Sua prática está pautada no Catecismo menor de Lutero no qual, como resposta à pergunta de “Que é a Ceia do Senhor”, é afirmado que: “é o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo para ser comido e bebido por nós, cristãos, sob o pão e o vinho. Este sacramento foi instituído pelo próprio Cristo”.¹⁸⁶ Sendo assim, a prática dessa denominação se mantém utilizando pão e vinho como elementos da Eucaristia.

3.2.4 Igreja Universal do Reino de Deus

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma denominação influenciada pelos movimentos pentecostal e neopentecostal. Por isso, muitas de suas ideias e práticas são legados desses movimentos. Um desses legados é a visão do álcool a partir de uma ideia extremamente negativa, como uma droga que não pode ser consumida. A defesa deles é pautada na premissa de que o álcool é uma substância nociva¹⁸⁷. Desta forma, a Santa Ceia é celebrada com suco de uva e, ao tratarem sobre o tema, chamam o segundo elemento da Ceia apenas de cálice.¹⁸⁸

¹⁸⁴ **Catecismo: Ensinaamentos Básicos da Fé Ortodoxa**, adaptados do Catecismo do Arcebispo Metropolitano Sotirios (Metrópole Ortodoxa Grega de Toronto, Canadá) para utilização na Paróquia Ortodoxa Santa Mártir Zenaide (Patriarcado de Moscou, Rio de Janeiro), traduzido e organizado pelo Diácono Marcelo (Paiva), sob orientação do Rev. Presbítero Vasyli (Gelevan), reitor da Paróquia, p.174.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ LUTERO, Martinho. **Catecismo Menor**. Sexta parte, primeira pergunta.

¹⁸⁷ CANTANHEDE, Augusto. **Álcool: uma droga legal devastadora**. 2014.

¹⁸⁸ MARQUES, Sabrina. **A Santa Ceia do Senhor**. 2013.

3.2.5 Igreja Batista

A Convenção Batista Brasileira¹⁸⁹, a Convenção Batista Nacional¹⁹⁰ e a Comunhão Reformada Batista no Brasil¹⁹¹ possuem, em suas declarações de fé, o pão e o vinho como elementos da Santa Ceia. Porém, a prática nessas igrejas nem sempre utiliza o vinho como símbolo do sangue de Cristo na celebração da Santa Ceia. Muitas vezes o suco de uva é escolhido na hora de celebrar o segundo elemento.

Uma igreja que mantém essa prática e se apropria do argumento de que o vinho é suco de uva, o que não causaria nenhum problema, porque, em seu entendimento, o importante é que seja o fruto da vinha, é a Segunda Igreja Batista de Goiânia.¹⁹²

3.3 Análise exegética: o que a bíblia diz

Mais uma vez a bíblia é a fonte da verdade sobre o assunto. Alguns textos serão analisados aqui, a partir da tradução da Almeida Revista e Atualizada. Primeiro, a passagem de Deuteronômio 14.23-26 onde está escrito:

E, perante o SENHOR, teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu cereal, do teu vinho, do teu azeite e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; para que aprendas a temer o SENHOR, teu Deus, todos os dias. Quando o caminho te for comprido demais, que os não possas levar, por estar longe de ti o lugar que o SENHOR, teu Deus, escolher para ali pôr o seu nome, quando o SENHOR, teu Deus, te tiver abençoado, então, vende-os, e leva o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que o SENHOR, teu Deus, escolher. Esse dinheiro, dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte, ou qualquer coisa que te pedir a tua alma; come-o ali perante o SENHOR, teu Deus, e te alegrarás, tu e a tua casa.

Esse texto foi estudado com o objetivo de mostrar que Deus não proíbe o consumo de álcool. Pelo contrário, ele o incentiva.

Outros textos também poderiam ser escolhidos para esse propósito, como Provérbios 31.6 que diz: “Dai bebida forte aos que perecem e vinho, aos amargurados de espírito” ou Salmos 104.14-15 onde afirma: “Fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão, o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças.”. Contudo, para a argumentação deste trabalho, o texto de Deuteronômio é suficiente.

¹⁸⁹ Declaração Doutrinária da Convenção Batista do Brasil cap IX

¹⁹⁰ Manual Básico Batista Nacional, ponto 3.

¹⁹¹ **A Confissão de Fé Batista de Londres de 1689**, cap. 30, ponto 1.

¹⁹² PEIXOTO, Leandro B. A Ceia do Senhor [par. 2]. 2018.

Ainda, uma análise dos textos já estudados, clássicos da Santa Ceia, é importante para tentar descobrir se o fruto da videira¹⁹³ representa vinho fermentado ou apenas suco de uva. Para tal, foi feito um breve estudo no texto de 1 Coríntios 11:21-26, onde Paulo diz:

Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo. Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.

Após o estudo desses textos, o capítulo explica como a teologia reformada tem entendido o tema. Em seguida, será apresentado um questionamento para que o vinho não seja utilizado na Santa Ceia.

3.3.1 Deuteronômio 14:23-26

Como foi apresentado no ponto 3.2, o texto de Deuteronômio é importante para o debate.

O que acontece aqui é a lei de Deus acerca dos dízimos. Nesse ponto, é explicado que não deve ser algo triste, mas festivo. O versículo 26 trata daqueles que não puderem levar o dízimo, que devem trocar por prata, e, ao chegar a Jerusalém, devem comprar comida, vinho e bebida forte. O próprio Deus ordena que seu povo compre e consuma bebida alcoólica?

A palavra para vinho usada aqui é יַיִן (yayin). Essa palavra é traduzida¹⁹⁴ como vinho e significa vinho fermentado. Prova disso é que no versículo 23, que fala sobre aqueles que puderam levar o vinho e não precisavam comprar, porque essa festa acontecia logo depois da colheita e o vinho ainda não era muito fermentado, outra palavra é usada, תִּירָשׁ (tirosh), que é traduzida¹⁹⁵ por novo vinho e representa esse vinho ainda pouco fermentado.

Outro ponto interessante para mostrar que a palavra יַיִן (yayin) representa vinho fermentado é o texto de Gênesis 9:20-21 que diz: “sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha. Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda”. Este texto lida com a situação de Noé depois de sair da arca. Ele planta uma vinha, e produz vinho. Vinho este

¹⁹³ Expressão usada por Jesus em Mateus 26:29 e Marcos 14:25 para dizer o que havia no cálice usado na última ceia que representava a nova aliança.

¹⁹⁴ Hebrew and English Lexicon - Brown Driver Briggs, Koehler- Baumgartner Hebrew and Aramaic Lexicon of the OT.

¹⁹⁵ Idem.

que ele bebe e se embriaga. Diante do fato de ele ter ficado bêbado com o vinho יַיִן (yayin), certamente tinha álcool e em quantidade suficiente para embriagar.

A outra palavra aqui usada é שֵׁכָר (Shekar), traduzida¹⁹⁶ por bebida forte ou até cerveja. Essa palavra também não deixa dúvida de que se trata de bebida alcoólica. Na verdade, ela, como verbo, tem o significado de intoxicar ou embriagar. No texto de Noé mencionado acima¹⁹⁷, a palavra usada para embriagou-se é שָׁכַר (Shakar), a mesma usada para bebida forte.

Diante destes textos, é possível perceber, então, que Deus não proíbe o álcool. Pelo contrário, Ele ordena o seu uso na celebração religiosa com o objetivo de alegrar-se pela colheita. Vale ressaltar, no entanto, que essa visão é difícil no contexto evangélico brasileiro atual. É, porém, consoante a bíblia que afirma nos Salmos 104:14-15: “fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão, o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças”. Sendo assim, entende-se que a bíblia trata o vinho como algo que existe para alegrar o coração do homem.

3.3.2 1 Coríntios 11:21-26

Neste trecho da epístola de Paulo à Igreja de Corinto, como já mencionado, o apóstolo trata da Santa Ceia.

Apesar de não aparecer a expressão "fruto da videira" que Jesus usa para descrever o conteúdo do cálice, como essa expressão não resolve a questão da presença ou não de álcool, será usado o texto de Coríntios, onde Paulo expressa que recebeu do próprio Cristo a maneira de fazer a Ceia e, portanto, o conteúdo do cálice é o mesmo do presente na última ceia.

A palavra traduzida como cálice é ποτήριον (poterion) e significa¹⁹⁸ simplesmente um recipiente para beber. Portanto, não traz muita luz a questão. A resposta está no verso 21, quando Paulo aponta que alguns estão se embriagando na Santa Ceia. Todas as grandes famílias de manuscritos mantêm esse termo μεθύει (Methuo) que significa beber demais, ficar embriagado.¹⁹⁹ Como Paulo pode, dessa forma, condenar aqueles que ficam embriagados na Santa Ceia se não existe álcool no cálice do vinho usado na Eucaristia? É possível inferir, a

¹⁹⁶ Hebrew and English Lexicon, op.cit.

¹⁹⁷ Gênesis 9:21.

¹⁹⁸ Analytical Greek Lexicon - Friberg, Greek-English Dictionary - Barclay Newman, Louw-Nida Greek-English Lexicon of the NT.

¹⁹⁹ Idem.

partir disso, que na Igreja Apostólica, como instituído por Jesus Cristo, era utilizado vinho fermentado na Santa Ceia.

3.4 Análise teológica: como a teologia reformada tem participado do debate

A partir da leitura dos Símbolos de Fé de Westminster, infere-se que os elementos da Ceia devem ser pão e vinho, pois são esses os termos que lá aparecem. Porém, vale lembrar que esta não era uma questão no momento em que os textos foram concebidos. Logo, o intuito do uso dessas palavras não foi participar de um debate sobre o tema defendendo que o vinho deve ser usado em detrimento do suco de uva como segundo elemento na Santa Ceia.

De qualquer forma, para corroborar com o debate que esse trabalho propõe, é preciso levar em consideração o que esses documentos dizem. Assim, é dito na Confissão de Fé de Westminster que:

Nesta ordenança o Senhor Jesus constituiu seus ministros para declarar ao povo a sua palavra de instituição, orar, abençoar os elementos, pão e vinho, e assim separá-los do comum para um uso sagrado, tomar e partir o pão, tomar o cálice dele participando também e dar ambos os elementos aos comungantes e tão somente aos que se acharem presentes na congregação.²⁰⁰

Além disso, essas palavras também aparecem no Catecismo Maior de Westminster ao responder o que é a Ceia do Senhor. A resposta é:

A Ceia do Senhor é um sacramento do Novo Testamento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Jesus Cristo, é anunciada a sua morte; e os que dignamente participam dele, alimentam-se do corpo e do sangue de Cristo para sua nutrição espiritual e crescimento na graça; têm a sua união e comunhão com ele confirmadas; testemunham e renovam a sua gratidão e consagração a Deus e o seu mútuo amor uns para com os outros, como membros do mesmo corpo místico.²⁰¹

De semelhante modo, o Breve Catecismo de Westminster também se propõe a responder a essa pergunta. É dito que:

A Ceia do Senhor é o sacramento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Cristo, se anuncia a sua morte, e aqueles que participam dignamente tornam-se, não de uma maneira corporal e carnal, mas pela fé, participantes do seu corpo e do seu sangue, com todas as suas bênçãos para o seu alimento espiritual e crescimento em graça.²⁰²

A questão apresentada quanto aos Símbolos de Fé de Westminster vale para o Catecismo de Heildelberg e a Segunda Confissão Helvética, a saber, que esse não era um debate corrente. Assim, estes dois mencionam apenas “cálice” sem explicar o conteúdo. No

²⁰⁰ Confissão de Fé de Westminster. Cap. XXIX, parágrafo 3.

²⁰¹ Catecismo Maior de Westminster, pergunta 168.

²⁰² Breve Catecismo de Westminster. Pergunta 96.

Catecismo de Heildelberg a resposta para a pergunta *Como a Santa Ceia ensina e garante que você tem parte no único sacrifício de Cristo na cruz e em todos os seus benefícios?* é:

Da seguinte maneira: Cristo me mandou, assim como a todos os fiéis, comer do pão partido e beber do cálice, em sua memória. E Ele acrescentou esta promessa: Primeiro, que, por mim, seu corpo foi sacrificado na cruz e que, por mim, seu sangue foi derramado, tão certo como vejo com meus olhos que o pão do Senhor é partido para mim e o cálice me é dado. Segundo, que Ele mesmo alimenta e sacia minha alma para a vida eterna com seu corpo crucificado e seu sangue derramado, tão certo como recebo da mão do ministro e tomo com minha boca o pão e o cálice do Senhor. Eles são sinais seguros do corpo e do sangue de Cristo.²⁰³

O mesmo ocorre na Segunda Confissão Helvética. No capítulo referente à Santa Ceia diz: “Portanto, os fiéis recebem o que é dado pelo ministro do Senhor, e comem o pão do Senhor e bebem do cálice do Senhor”.²⁰⁴ Sendo assim, é possível entender que, de fato, esse questionamento que existe atualmente não havia na época. Por isso, não era necessário tratar sobre isso nesses documentos.

Apesar de o tema do vinho ou suco de uva também não estar presente na Confissão Belga, assim como nos documentos supracitados, é muito interessante analisar como ela trata do assunto. Este documento relaciona a vida terrestre com a vida espiritual, o pão terrestre com o pão espiritual, a saber, o pão da vida, Jesus Cristo.

Assim, no artigo 35 é afirmado que:

Agora, aqueles que nasceram de novo têm duas vidas diferentes [2]. Uma é corporal e temporária: eles a trouxeram de seu primeiro nascimento e todos os homens a tem. A outra é espiritual e celestial: ela lhes é dada no segundo nascimento que se realiza pela palavra do Evangelho [3], na comunhão com o corpo de Cristo. Esta vida apenas os eleitos de Deus possuem. Assim Deus ordenou para a manutenção da vida corporal e terrestre, pão comum, terrestre, que todos recebem como recebem a vida. Porém, a fim de manter a vida espiritual e celestial, que os crentes possuem, Ele lhes enviou um "pão vivo, que desceu do céu" (João 6:51), isto é, Jesus Cristo [4]. Ele alimenta e mantém a vida espiritual dos crentes [5] quando é comido, quer dizer: aceito espiritualmente e recebido pela fé [6]. A fim de nos figurar este pão espiritual e celestial, Cristo ordenou um pão terrestre e visível como sacramento de seu corpo e o vinho como sacramento de seu sangue [7]. Com eles nos assegura: tão certo como recebemos o sacramento e o temos em nossas mãos e o comemos e bebemos com nossa boca, para manter nossa vida, tão certo recebemos em nossa alma pela fé [8] - que é a mão e a boca da nossa alma -, o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo, nosso único Salvador, para manter nossa vida espiritual.²⁰⁵

João Calvino também trata do assunto de maneira similar à Confissão Belga, defendendo a relação entre a vida terrestre e a vida espiritual. Ele defende que:

Assim, quando o pão nos é dado como símbolo do corpo de Cristo, imediatamente se deve imaginar esta similitude: como o pão nutre, sustenta, conserva a vida de nosso corpo, assim o corpo de Cristo é o alimento único para revigorar e vivificar a

²⁰³ **Catecismo de Heildelberg**. Pergunta 75.

²⁰⁴ BULLINGER, Heinrich. **Segunda Confissão Helvética**. Capítulo XXI, p.44.

²⁰⁵ BRÉS, Guido. **Confissão Belga**, artigo 35.

alma. Quando vemos o vinho proposto como símbolo do sangue, deve-se ter em mente quais benefícios o vinho traz ao corpo, para que reflitamos que os mesmos nos são espiritualmente conferidos pelo sangue de Cristo, a saber, alimentar, restaurar, fortalecer, alegrar.²⁰⁶

Esses textos colaboram para a conclusão de que a escolha que Deus fez de colocar pão e vinho como os elementos do Sacramento não é aleatória, mas planejada e com objetivo.²⁰⁷ O fato de o primeiro elemento fazer referência ao Pão da Vida, e o segundo elemento representar o sangue de Jesus, trazendo benefícios como a alegria é importante, pois ajuda o homem a entender que se alimentam espiritualmente como alimentam seu corpo.

Isso também é percebido ao serem analisadas as festas ordenadas por Deus no Antigo Testamento. Elas não eram arbitrárias, mas cuidadosamente planejadas para ensinar ao homem verdades eternas, como acontece com a Páscoa. Esta, no Antigo Testamento, significava sacrifício e tinha as características e os meios corretos, ordenados por Deus, para celebrá-la.²⁰⁸ Esta festa é relacionada, por alguns²⁰⁹, com a Santa Ceia. Alguns motivos os levam a concluir isso, como o fato de serem representações da expiação, e de Cristo ter instituído a Ceia na data da Páscoa.

Berkhof acrescenta outro motivo para a escolha do pão como elemento da Ceia. Como a Páscoa já havia sido cumprida em Jesus Cristo, a partir de seu sacrifício definitivo, não podia permanecer como representação um elemento que tivesse implicação de nacionalismo, como era o caso do cordeiro. Isso porque a morte de Jesus estendeu a bênção da salvação ao mundo.²¹⁰

François Turretini, combatendo a necessidade de adição de água no vinho defendida pela Igreja Romana, indica ser indiferente colocar ou não água no vinho. Da mesma forma, com o pão, ele aponta que Jesus deve ter usado pão sem fermento porque naquela época de Páscoa não era lícito ter pão fermentado em Jerusalém, mas defende que não deve ser feito mandamento disso.²¹¹ A ideia é que, assim como não se pode afirmar que a Ceia deve ser celebrada a noite, pois Jesus a ministrou a noite, ou com vinho branco, se fosse esse o caso, também não se pode defender que tem de ser pão sem fermento.

²⁰⁶ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**, 2009, p.768.

²⁰⁷ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa. v. 4. 2012, p.581.

²⁰⁸ Êxodo 12.1-11.

²⁰⁹ Cf. BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 3. ed., 2007, p. 617; Cf. CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**, 2009, p.760.

²¹⁰ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 3. ed., 2007, p.646.

²¹¹ TURRETINI, François. **Compêndio de Teologia Apologética**. 2011, p. 518.

Bavinck é um autor que concorda com Turrentini no que se refere a não importar qual o tipo de pão e qual o tipo de vinho a ser utilizado na Santa Ceia. Nesse sentido, Bavinck afirma que:

Não importa se o pão é feito de trigo, centeio ou cevada e se o vinho é branco ou tinto; se o pão é levedado (a prática da Igreja Ortodoxa Grega) ou sem fermento (a prática da Igreja Católica Romana); e se o vinho (de acordo com a doutrina dos cristãos armêneos) é puro ou misturado com água (de acordo com o firme pronunciamento de Trento). Em nenhum desses pontos Cristo, especificamente, proibiu ou prescreveu alguma coisa.²¹²

Assim, a defesa dele é de que, se Cristo não especificou com tantos detalhes qual o tipo de pão e de vinho a ser utilizado como elemento da Eucaristia, não há motivos para esse debate especificamente. Entretanto, ele completa essa afirmação apresentando limites para isso.

Ele diz:

Isto não significa dizer, porém, que um afastamento arbitrário da instituição de Cristo seja permitido. Assim como em nossa época, também nos séculos passados houve cristãos (tacianos, severianos, gnósticos, maniqueus, aquarianos) que, estimulados por um princípio acético, substituíram o vinho pela água na Ceia do Senhor. No entanto, não devemos ser mais sábios do que Cristo, que designou expressamente o vinho como sinal de seu sangue e cuja ordem, nesse assunto, em todas as épocas, foi seguida pela igreja cristã.²¹³

Assim, percebe-se que, segundo Bavinck, Jesus determinou algumas coisas, mas outras não. Logo, o que Deus definiu precisa ser obedecido fielmente. Contudo, o que a bíblia não detalha, abre espaço para outras maneiras de serem feitas, como é o caso da adição de água no vinho ou o pão com fermento.

Diante de tudo isso, fica evidente que o pão e o vinho não são elementos escolhidos aleatoriamente, mas cuidadosamente planejados. O pão, por ser de fácil acesso em todo o mundo, significando que o cristianismo não é apenas para judeus.²¹⁴ Também foi escolhido por ser nutritivo²¹⁵, lembrando que a Ceia nutre o crente espiritualmente, ligando assim, a ideia de Pão da Vida, presente nas Escrituras, com o pão usado na Ceia.

Com o intuito de contextualizar a Santa Ceia, para facilitar o acesso e o entendimento dos índios, Héber Negrão, escreveu um artigo tentando mostrar que a tapioca e o suco de açaí, por passarem pelos mesmos processos de fabricação do pão e do vinho, podem ser bons

²¹² BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. Traduzido por Vagner Barbosa. v. 4. 2012, p.570.

²¹³ Idem.

²¹⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.646.

²¹⁵ Idem.

substitutos.²¹⁶ O problema aqui é que o processo de fabricação não é o motivo essencial para a escolha destes elementos. Como foi mostrado, o pão é escolhido porque representa Jesus - o Pão da Vida - e retira o aspecto nacionalista da Páscoa. Assim, seria estranho trocar o pão pela tapioca, um produto regional.

De semelhante modo, o vinho é escolhido por Jesus por simbolizar a alegria na bíblia, haja vista ser um produto fermentado. O suco de açaí não teria essa característica. Assim, esses são apenas dois exemplos do motivo de a substituição desses elementos ser mais complexa do que se pensa.

Vale ressaltar, porém, que mais importante do que esses argumentos é o fato de Jesus ter ordenado que o sacramento da Santa Ceia fosse realizado com os elementos por ele prescritos, a saber, o pão e o fruto da videira.²¹⁷ Contudo, Paulo apresenta esse fruto da videira como uma bebida fermentada, haja vista as pessoas estarem se embreagando ao celebrarem a Mesa do Senhor.²¹⁸ Sendo assim, infere-se que Jesus ordenou, como elementos, o pão e o vinho.

3.5 Uma objeção: o irmão fraco na fé ou com problemas de alcoolismo

Existe maior consenso quanto ao primeiro elemento, sobretudo quando observada a prática da Igreja Presbiteriana do Brasil. Sendo assim, a maior discussão está no que se refere ao segundo elemento do sacramento. Por isso, uma objeção que vale ser observada acerca do uso de vinho na Santa Ceia é aquele originário do movimento de temperança nos Estados Unidos²¹⁹, que se refere ao irmão fraco na fé, que é alcoólatra e que tenta lutar contra o vício.

De fato, a bíblia, em vários lugares, alerta sobre o possível mau uso do álcool.²²⁰ A bíblia, inclusive, coloca a embriaguês como obra da carne²²¹ e, portanto, o crente deve fugir dela. Deus, quando cria o homem, dá um jardim para que o homem pudesse desfrutá-lo, mas impõe limites.²²² Da mesma forma, o vinho é um presente, mas existem limitações. Primeiro, o limite natural, visto que é possível se envenenar com o álcool. Além disso, um limite ético, quando a embriaguês é proibida. Isso é tão sério que até Joel McDurmon, que escreveu um

²¹⁶ NEGRÃO, Héber. **Contextualização e simbolismo na Santa Ceia**. 2017.

²¹⁷ Lucas 22.18; Provérbios 20.1; Provérbios 23.20; Efésios 5.18.

²¹⁸ 1 Coríntios 11.21.

²¹⁹ Como foi explicado no ponto 3.1 deste trabalho.

²²⁰ Efésios 5.18, Provérbios 20.1, Provérbios 23.20-21, Provérbios 31.4-5.

²²¹ Gálatas 5.19-21.

²²² Gênesis 2.16-17.

livro no qual defende que proibir o consumo de álcool é pecado, dedica um capítulo contra a bebedeira.²²³

O grupo Alcoólicos Anônimos, porém, criou a ideia de que a melhor forma de lutar contra o vício é a abstinência.²²⁴ Esse ponto não se sustenta diante de vícios em coisas legítimas e obrigatórias. Alguém viciado em trabalho deve parar de trabalhar em busca de se curar do vício? Um viciado em comida, que peca com gula, deve parar de se alimentar? A solução para o vício, em coisas lícitas, é a moderação.

Desta forma, se Deus mandou que usássemos o vinho na Ceia, por conta dos motivos já pontuados acima, mesmo no caso de alguém que luta contra a bebedice, a moderação precisa ser buscada. Vale frisar, entretanto, que a abstinência de álcool pode ser buscada em todo o tempo que o consumo não é obrigatório. Da mesma forma, pode-se agir com relação ao trabalho ou à comida, limitando-se à sua necessidade. Entretanto, se na Santa Ceia, para cumprir o mandamento do sacramento, existe uma necessidade, não se pode abster-se dela.

²²³ MCDURMON, Joel. **O que Jesus beberia?** Cap. 5. Brasília: Monergismo, 2012

²²⁴ W. Bill. **Como funciona**, s/p.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi dedicado ao estudo da Santa Ceia tendo em vista a importância desse sacramento. Para isso, manteve-se como premissa a preocupação com a correta administração dos sacramentos porque isso é marca da Igreja verdadeira.

Sendo assim, debates específicos foram estudados, a saber, quem pode participar da Santa Ceia do Senhor, quem pode ministrá-la e quais são, de fato, os elementos dela. Ao estudar o primeiro debate supracitado, percebe-se que há opiniões diferentes no que se refere ao tema nas diversas denominações. Contudo, uma linha comum pode ser observada: a defesa da participação na Ceia apenas por cristãos. As maiores diferenças estão em aceitar crentes não comungantes no assentar-se à Mesa do Senhor. Entretanto, ao observar a questão a partir de um estudo bíblico e teológico, conclui-se que é de extrema importância que aqueles que participam da Ceia, mesmo todos sendo pecadores, tenham consciência clara de que o que os torna dignos é o próprio Cristo e não elas mesmas.

Um segundo debate estudado foi com relação aos que estão aptos a ministrarem a Santa Ceia. O estudo apontou que é importante ter em mente as divisões de funções, a partir dos dons distribuídos por Deus, e a união entre pregação da Palavra e ministração dos sacramentos. O trabalho não se isenta da discussão acerca de dificuldades como as comunidades cristãs de determinados locais que não possuem oficial ordenado na congregação, o que faz com que precisem esperar a visita de algum pastor para isso. Porém, ressalta que, desde muito tempo, a Igreja tem interpretado textos como 1 Coríntios 4:1, que diz: “assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus” como um indicativo de que apenas ministros ordenados podem administrar sacramentos.

Por fim, o trabalho se dedicou a um terceiro debate, que diz respeito aos elementos da Santa Ceia. Essa discussão é de extrema importância, pois é um ponto ainda pouco discutido se comparado aos outros dois. Vale dizer, no entanto, que a Bíblia define como a Santa Ceia deve ser ministrada, inclusive no que se refere aos elementos dela, a saber pão e vinho, não de maneira aleatória, mas planejada e justificada. Há divergências entre as denominações e os movimentos religiosos sobre como esses elementos devem ser obedecidos, sobretudo por dois aspectos. O primeiro é a defesa de substituir os elementos por outros da região tendo em vista que o símbolo é mais importante do que o elemento, surgem assim propostas como a de trocar o vinho e pão por açaí e tapioca. Outro aspecto é a dificuldade que alguns têm no que se refere ao álcool, sugerindo uma substituição ou por uma mistura do vinho com água ou uma

troca pelo suco de uva. Com isso, buscando defender que Cristo era contra álcool, ou que o vinho da época tinha um teor alcoólico menor, ou ainda buscando um meio de evitar problemas de embriaguez nas igrejas.

Apesar dessas objeções quanto ao uso do vinho na Santa Ceia, este estudo mostrou que Jesus não apenas aceitava a bebida alcoólica consumida com moderação, como também incentivava seu consumo. No que se refere à Ceia, Jesus Cristo coloca o pão como elemento por representar o Pão da Vida, e coloca o cálice como foco do sacramento pelo que o álcool representa na Escritura: alegria.

Diante de tamanha importância dos sacramentos, é necessário buscar entender não apenas sobre quantos sacramentos existem, quais são eles ou como devem ser entendidos, mas também como devem ser administrados, haja vista ser isso característica da Igreja Verdadeira. Por causa desse aspecto, é urgente que a Igreja pense e discuta a respeito do tema. Para isso, a bíblia, a exegese, a teologia, a história e a observação das diferenças das denominações têm muito a ajudar na elucidação do tema.

Os dois primeiros capítulos trazem temas que possuem muito mais consenso na prática da Igreja Presbiteriana do Brasil, mas ainda assim pouco tem se explicado a respeito do motivo. Esse trabalho tem por objetivo apresentar o tema, provocando as igrejas que pensem a respeito das afirmações da bíblia, da Confissão de Fé, dos Catecismos, e das razões para acreditarem nisso.

Com relação ao último capítulo, a concordância é menor a partir da observação da prática da Igreja. Por mais que, na Confissão de Fé e no Princípio de Liturgia, a palavra vinho apareça, em grande parte das igrejas tem sido entendido que essa substituição do vinho alcoólico pelo suco de uva não é um problema, antes uma adaptação aos tempos atuais, visto que o suco também é fruto da videira. É importante, então, que os pastores e os presbíteros, dentro dos concílios da Igreja, debatam esse tema.

REFERÊNCIAS

ABSHIRE, Brian M. Vinho na Santa Ceia. 2011. Editora Monergismo. Disponível em <http://monergismo.com/brian-abshire/vinho-na-santa-ceia>, acesso em 15 setembro de 2018.

AGOSTINHO. A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.

ATF, Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives. 18th Amendment 1919 (National Prohibition Act). Estados Unidos, 2016. Disponível em <https://www.atf.gov/our-history/timeline/18th-amendment-1919-national-prohibition-act>, acesso em 11 de novembro de 2018.

BAVINCK, Herman. Dogmática Reformada. Traduzido por Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

Cf. BERK, Leah Rae. Alcohol, Temperance & Prohibition: Temperance and Prohibition. Era Propaganda: A Study in Rhetoric. Brown University Library Center, 2004, s/p.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. Disponível em <http://www.iglesiareformada.com/BerkhofTeologiaSistemática.pdf>, acesso em 9 de novembro de 2018.

BRÉS, Guido. Confissão Belga. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_belga.htm, acesso em 12 de novembro de 2018.

BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2001. Disponível em <http://pipg.org/Content/site/documentos/o-breve-catecismo-de-westminster.pdf>, acesso em 12 de novembro de 2018.

BULLINGER, Heinrich. Segunda Confissão de Helvética. 1562. Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/credos/seg-confissao-helvetica.pdf>, acesso em 11 de novembro de 2018.

CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã. Tomo 2. São Paulo: UNESP, 2009.

CAMPBELL, Kenneth. The Orthodox Presbyterian Church. Report of the Committee on the Involvement of Unordained Persons in the Regular Worship Services of the Church. 1991. Disponível em <https://www.opc.org/GA/unordained.html>, acesso em 9 de novembro de 2018.

CANTANHEDE, Augusto. Quatro grandes mitos sobre o alcoolismo. 2014. Disponível em <https://www.universal.org/noticias/quatro-grandes-mitos-sobre-o-alcoolismo>, acesso em 16 de agosto de 2017.

CANTANHEDE, Augusto. Álcool: uma droga legal devastadora. 2014. Disponível em <https://www.universal.org/noticias/alcool-uma-droga-legal-devastadora>, acesso em 16 de agosto de 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Editora Loyola, 2002.

CATECISMO: ENSINAMENTOS BÁSICOS DA FÉ ORTODOXA, adaptados do Catecismo do Arcebispo Metropolitano Sotirios (Metrópole Ortodoxa Grega de Toronto, Canadá) para utilização na Paróquia Ortodoxa Santa Mártir Zenaide (Patriarcado de Moscou, Rio de Janeiro), traduzido e organizado pelo Diácono Marcelo (Paiva), sob orientação do Rev. Presbítero Vasyli (Gelevan), reitor da Paróquia. Disponível em https://www.protecaodamaededeus.org/files/Catecismo_Ortodoxo.pdf, acesso em 11 de novembro de 2018.

CATECISMO DE HEIDELBERG: Fontes, história e teologia. Tradução: Zacarias Ursinus. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

CATECISMO ORTODOXO. Artigo 381, parágrafo 1. Disponível em http://www.igrejaortodoxahispanica.com/Katholikos/Catecismo_Ortodoxo, acesso em 9 de novembro de 2018.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. In: Bíblia de Estudo de Genebra. ed. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CIL - Comissão Interluterana de Literatura. Boletim Informativo número 130. Conselho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, de 12 de novembro de 1992. Disponível em http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/igreja-evangelica-luterana-do-brasil-ielb-1/boletim-informativo-da-cil, acesso em 11 de novembro de 2018.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO DA IGREJA CATÓLICA ORTODOXA HISPÂNICA. Disponível em http://www.igrejaortodoxahispanica.com/Def_Principal.html, acesso em 05 de novembro de 2018.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. 1530, Artigo 14. Disponível em <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/confissao-de-augsburgo.pdf>, acesso em 11 de novembro de 2018.

CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE LONDRES DE 1689. Disponível em <http://crbb.org.br/confissao-de-fe-batista-de-1689/>, acesso em 12 de novembro de 2018.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, 1643-1646. Disponível em http://www.executivaipb.com.br/arquivos/confissao_de_westminster.pdf, acesso em 12 de novembro de 2018.

COPPES, Leonard J. Daddy, May I Take Communion? Paedocommunion vs. the Bible. Thornton, Colo.: Leonard J. Coppes, 1988.

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA DO BRASIL. Cap. 9. Seção 5. 2002. Disponível em http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22, acesso em 10 de novembro de 2018.

DIDAQUÊ: A Instrução dos Doze Apóstolos. Cap. IX. v. 5. Disponível em http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/DIDAQUE_-

_A_Instrucao_dos_Doze_Apostolos.pdf , acesso em 10 de novembro de 2018.

FEE, Gordon; STURT, Douglas. *Endendes o que lê?*, 3. ed. tradutor Gordon Chown e Jonas Madureira. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GONZÁLEZ, Justos. *Uma história ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, v.1.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, ed. 2, 2007.

HAGEMAN, Howard G. Chalice and Loaf or Cups and Cubes, September 1989 “*Our celebration of the*.”

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. 2014. P. Disponível em <https://teologiaediscernimento.files.wordpress.com/2014/08/teologia-sistemica-charles-hodge.pdf>, acesso em 10 de novembro de 2018.

HOLY Communion. Disponível em <http://stikhonsmonastery.org/article.php?id=38>, acesso em 10 de novembro de 2018.

HORTON, Michael. *A Better Way: Rediscovering the Drama of God-Centered Worship*, 2002.

HORTON, Michael. *Doutrinas da Fé Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Princípio de liturgia*. Artigo 16 IN: *Manual Presbiteriano: com notas remissivas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

JACKSON, Wayne. *Was the fruit of the vine fermented?* 1998 – 2016 by Christian Courier Publications. All rights reserved. ISSN: 1559-2235 Disponível em <https://www.christiancourier.com/articles/224-was-the-fruit-of-the-vine-fermented>, acesso em 05 de novembro de 2018.

KISTEMAKER, Simon. *1 Coríntios*. Traduzido por Helen Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, 2. ed.

KISTEMAKER, Simon. *1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

KOYZIS, David T. *The Lord's Supper: How Often?* March 1990.

LEITHART, Peter J. *Daddy, why was I excommunicated?: An Examination of Leonard J. Coppes' Daddy, May I Take Communion?*. Niceville, Fla.: Transfiguration Press, 1992.

LOVINO, Joe. *Methodist history: Controversy, Communion, & Welch's Grape Juice*. This feature was originally published on June 28, 2016. Disponível em: <http://www.umc.org/who-we-are/methodist-history-controversy-communion-and-welchs-grape-juice>.

LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor*. 1529. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_lutero.htm

LUTHER, Martin. The Small Catechism. Missouri: Concordia Publishing House, 1986. Sexta parte, pergunta 5. Disponível em <http://bookofconcord.org/smallcatechismpdf.php>, acesso em 11 de novembro de 2018.

MACEDO, Edir. Qual o segredo para manter a salvação. 2013. Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2016/02/26/qual-o-segredo-para-manter-a-salvacao--35716.html>.

MANUAL BÁSICO BATISTA NACIONAL. Brasília. Parte II. Seção 7, parágrafo segundo. Disponível em http://www.cbn.org.br/downloads/manual_basico_batista_nacional.pdf, acesso em 16 de agosto de 2017.

MANUAL DO SERVIÇO SAGRADO. Igreja Universal do Reino de Deus. 2015. Disponível em <http://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/>, acesso em 10 de agosto de 2017.

MARQUES, Sabrina. A Santa Ceia do Senhor: com o coração limpo conquiste a salvação. 2013. Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2013/07/25/a-santa-ceia-do-senhor-23752.html>, acesso em 16 de agosto de 2017.

MASON, Mathew W. A Spiritual Banquet: John Calvin on the Lord's Supper. 2005, disponível em https://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/churchman/117-04_329.pdf, acesso em 8 de novembro de 2018.

MATOS, Alderi de Souza. A caminhada cristã na história. 1ª Ed. Ed. Ultimato, 2005: A centralidade da bíblia na experiência protestante. Disponível em <http://www.mackenzie.br/6965.98.html>., acesso em 10 de novembro de 2018.

MATOS, Alderi Souza de. Calvino, o exegeta da reforma. Palestra. Página da História da Igreja do CPAJ, 2009. Disponível em <http://cpaj.mackenzie.br/busca/pagina.php?id=167&parents=128>, acesso em 10 de novembro de 2018.

MCDURMON, Joel. O que Jesus beberia?. Brasília: Monergismo, 2012.

McMAHON, Matthew. Who Should Administer the Sacraments? - by Dr. C. Pastoral Theology and Expository Preaching Articles. 2017. Disponível em <http://www.apuritansmind.com/pastors-study/who-administers-the-sacraments-by-dr-c-matthew-mcmahon/>, acesso em 10 de novembro de 2018.

MENZIGER, Michael. Crianças na Ceia do Senhor. 2008 Porto Alegre: Portal Luteranos. Disponível em <http://www.luteranos.com.br/conteudo/participacao-de-criancas-na-santa-ceia-um-seminario-para-uma-reflexao-teologica-nas-comunidades>, acesso em 11 de novembro de 2018.

NEGRÃO, Héber. Contextualização e simbolismo na Santa Ceia. Minas Gerais: Ultimato, 2017.

NICHOLSON, Brian. Calvin's Doctrine of the Spiritual Presence of Christ in the Lord's Supper. 1991.

Orthodox Catechism: The Church Building. Disponível em <http://www.ocf.org/OrthodoxPage/reading/catechism.htm>, acesso em 28 de agosto de 2017.

PELIKAN, Jaroslav. A Tradição Cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2015, v. 3.

PEIXOTO, Leandro B. A Ceia do Senhor. Parte 2. Goiânia: sibgoiania, 2018.

PENNER, Erwin; WALL, John. The Lord's Supper and the Church. Fall 1989. v. 18, n. 2. Disponível em <http://www.directionjournal.org/18/2/lords-supper-and-church.html>, acesso em 5 de novembro de 2018.

PHILLIPS, Andrew. What is the Orthodox Church's view of Roman Catholic 'sacraments'? : Orthodox Sacraments: Heterodox Sacramental Forms. Inglaterra, 2009. Disponível em <http://orthodoxengland.org.uk/rcsacs.htm>, acesso em 11 de novembro de 2018.

Purified Translation of The Bible, traduzido por Stephen Mills Reynolds. Glenside, PA: The Lorine L. Reynolds Foundation, 2000.

RAMOS, Dorca. Santa Ceia. Rio de Janeiro: Igreja Mundial do Poder de Deus, 2016. Disponível em <https://www.impd.org.br/noticias/566>, acesso em 13 de agosto de 2017.

RAMOS, Felipe. O simbolismo do pão e do vinho na Eucaristia. Revista Arautos do Evangelho, Março/2006, n. 51. Disponível em <http://www.arautos.org/secoes/artigos/doutrina/catecismo/o-simbolismo-do-pao-e-do-vinho-na-eucaristia-143948>, acesso em 11 de novembro de 2018.

RANGEL, Marcelo. A Santa Ceia no Templo de Salomão. 2015. Disponível em <https://www.universal.org/noticias/a-santa-ceia-no-templo-de-salomao>, acesso em 13 de agosto de 2017.

SABINO, Felipe. O uso do vinho na Santa Ceia. 2012. Disponível em <http://monergismo.com/felipe/o-uso-do-vinho-na-santa-ceia/>, acesso em 10 de novembro de 2018.

RAMOS, Dorca. Santa Ceia. Rio de Janeiro: Igreja Mundial do Poder de Deus, 2016. Disponível em <https://www.impd.org.br/noticias/969>, acesso em 12 de novembro de 2018.

SHELLEY, Bruce L. História do Cristianismo ao alcance de todos. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SHIFFERD, Scott j. What Kind of Wine Did Jesus Drink?. 2011. Disponível em www.godsbreath.net/2011/05/20/did-jesus-drink-wine/. The Longer Catechism of The Orthodox, Catholic, Eastern Church. Disponível em http://www.pravoslaviето.com/docs/eng/Orthodox_Catechism_of_Philaret.htm, acesso em 5 de novembro de 2018.

Cf. SPROUL, R. C. A Igreja Visível e Invisível. Ministério Fiel, 8 de outubro de 2014.

THE LONGER CATECHISM OF THE ORTHODOX, CATHOLIC, EASTERN CHURCH. Artigo 337. Disponível em http://www.pravoslaviato.com/docs/eng/Orthodox_Catechism_of_Philaret.htm. Acesso em 15 de agosto de 2017.

TURRETINI, François. Compêndio de Teologia Apologética. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VENEMA, Cornelis P. Children at the Lord's table: assessing the case for paedocommunion, Michigan: Reformation Heritage Books, 2009. Disponível em https://www.wtsbooks.com/common/pdf_links/9781601780591.pdf, acesso em 10 de novembro de 2018.

W, Bill. Como funciona. São Paulo: JUNAAB, 2015, s/p. Disponível em <http://www.aa.org.br/index.php/como-funciona>, acesso em 12 de novembro de 2018.

WINTER. E. P. Who may administer The Lord's Supper?. Baptist Quartely 16.3. July, 1955.